

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA APRENDIZAGEM

RENATA SIMÕES DE BRITO CARDOSO

DIGITAL  **FACIMED**

SOBRE OS AUTORES

Renata Simões de Brito Cardoso

Mestre em Promoção da Saúde, vinculada à Linha de Pesquisa: Educação e Tecnologia na Promoção da Saúde.

Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional; em Gestão Escolar - Administração, Supervisão e Orientação; em AEE - Atendimento Educacional Especializado; em Educação a distância e as tecnologias educacionais.

Graduada em Pedagogia e Ciências Biológicas.

Tem graduação no curso de Licenciatura e Bacharelado em Pedagogia, pela Unicesumar, graduação em Biologia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jandaia do Sul, e graduação em Ciências, pela Fundação Faculdade de filosofia, Ciências e Letras de Mandaguari. É especialista em Educação a distância e as tecnologias educacionais, em Gestão Escolar - Administração, Supervisão e Orientação, em Atendimento Educacional Especializado, pela Unicesumar, e em Psicopedagogia Clínica e Institucional, pela Univale. Tem mestrado em Promoção da Saúde, no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, vinculado à Linha de Pesquisa: Educação e Tecnologia na Promoção da Saúde, da Unicesumar - Centro Universitário de Maringá. Atuou como professora de Educação Infantil, dos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental I e II e do Ensino Médio e como professora de Biologia e Ciências Naturais em instituições escolares de ensino público e privado por mais de 18 anos. Atualmente, é co-orientadora do PROBIC de Iniciação Científica, atua como Professora Tutora Mediadora no Curso de Graduação por mais de 10 anos e Orientadora do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu na área da Educação, na modalidade a distância da Unicesumar. Participa de banca de defesa e é orientadora de trabalho de conclusão de cursos. É docente no Curso de Pedagogia, em cursos de Pós-graduação e Professora da Rede Municipal de Ensino de Maringá há mais de 9 anos.

Introdução

Caro(a) aluno(a)!

É com satisfação que anunciamos as unidades do livro Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, em que discutiremos as fases de desenvolvimento de cada idade na concepção de diferentes autores, como Piaget, Vygotsky e Freud, que dedicaram suas pesquisas ao desenvolvimento humano sob os aspectos cognitivos, psíquicos e emocionais. Portanto, desejamos que este livro seja uma inspiração para que você, caro(a) leitor(a), também pesquise sobre a aprendizagem e o desenvolvimento humano.

Na primeira unidade, dissertaremos a respeito de alguns conceitos de aprendizagem e de desenvolvimento, segundo Piaget, de acordo com sua teoria, a Epsitemologia Genética, em que explica os estágios de desenvolvimento que cada sujeito passa para, depois, em seu tempo, adquirir o conhecimento por meio da inter-relação com o objeto. Para tanto, faremos um breve histórico sobre a vida e as obras de Jean Piaget, para que seja possível compreender o contexto no qual esse autor desenvolveu sua teoria, além da explanação acerca dessa teoria.

A segunda unidade abordará os conceitos de aprendizagem e de desenvolvimento, segundo Vygotsky, na perspectiva Histórico-Cultural, elaborada por ele mesmo, com base no Materialismo Histórico-Dialético e com abordagens Sociointeracionistas, demonstrando que o desenvolvimento humano, que ocorre em meio à aprendizagem, se faz nas relações e nas trocas sociais. Também será apresentada, brevemente, a vida e as obras de Lev Vygotsky, para que seja possível compreender o contexto no qual esse autor desenvolveu sua teoria, bem como a perspectiva vygotskyana sobre os aspectos do pensamento e da linguagem.

A terceira unidade discutirá o desenvolvimento e a aprendizagem de acordo com a teoria de Freud; serão estudados os elementos que tratam do papel do inconsciente, as três instâncias psíquicas, id, ego e superego, bem como a Teoria do desenvolvimento da personalidade, que está baseada na sexualidade humana. Percebe-se que as pesquisas freudianas muito têm a contribuir na educação, pois, compreendendo como o ser humano se desenvolve, podemos entender a vida humana, assim, a escola poderá buscar outros recursos, como os que são apresentados pela psicanálise.

Na quarta unidade, serão apresentadas as etapas do desenvolvimento, seus vários aspectos relacionados aos campos físicos, cognitivos e psicossociais, que estão intimamente interligados. As mudanças que ocorrem durante o desenvolvimento do ser humano são enriquecidas com diferentes situações, e os fatores biológicos e psicológicos delas dependem para que o progresso ocorra de forma natural.

UNIDADE I

O Desenvolvimento e a Aprendizagem para Piaget

*Renata Simões de Brito Cardoso
Suzi Maria Nunes Cordeiro*

Nesta unidade, você verá os conceitos de aprendizagem e de desenvolvimento, segundo Piaget, que elaborou uma teoria denominada Epistemologia Genética, para poder explicar os estágios de desenvolvimento pelos quais cada sujeito passa para, depois, em seu tempo, adquirir o conhecimento por meio da inter-relação com o objeto. A unidade está dividida em cinco tópicos: o primeiro abordará a vida e as obras de Jean Piaget, para que seja possível compreender o contexto no qual esse autor desenvolveu sua teoria. No segundo tópico, explanamos o que é desenvolvimento na teoria piagetiana. O terceiro tópico apresentará a teoria desenvolvida e a visão de Piaget sobre a aprendizagem, mais especificamente sobre a aquisição de conhecimento. Por fim, o último tópico mostrará a noção de representação, linguagem e socialização na teoria piagetiana.

Um pouco da história de Jean Piaget

O ser humano, para aprender e se desenvolver, utiliza todos os aspectos possíveis: biológico, cognitivo, afetivo, social e psíquico. Por isso, temos tantos autores renomados que contribuem com seus conhecimentos no campo da Educação, mesmo tendo formação em outras áreas como as Biológicas e da Saúde. Um dos exemplos clássicos é o epistemólogo Jean Piaget. Acompanharemos, a seguir, um pouco de sua história e de sua trajetória pela teoria que contribui com a Educação, ainda que sua formação não seja em Pedagogia.

O suíço Jean Willian Fritz Piaget nasceu na cidade Neuchâtel, em 9 de agosto, de 1896, filho de um professor de literatura medieval e de uma socialista. Cresceu em um ambiente que proporcionava o contato direto com as ciências e com os diferentes conhecimentos. Era considerado um prodígio e, ao contrário dos pais, seguiu as ciências naturais. Aos dez anos, publicou seu primeiro artigo sobre as observações de um pardal albino, essa pequena obra já expressa o que Piaget mais se dedicou a fazer: observações (PALANGANA, 2015).

Em sua juventude, ingressou na Universidade de Neuchâtel para estudar Biologia e se formou em 1915. Aos 22 anos de idade, Piaget já era Doutor nessa área. Esses estudos influenciaram suas pesquisas, incluindo as que utilizamos no campo da Educação. Em seguida, passou a se interessar pela mente humana, mudou-se para Zurique para exercer a função de psicólogo experimental e trabalhou em uma clínica de psiquiatria (MUNARI, 2010).

Aproximadamente em 1919, Piaget começou a lecionar no colégio Granz-Aux-Belle, em Paris. Após observar as crianças, Piaget percebeu que elas cometiam erros semelhantes nos testes de inteligência (QI) em determinadas faixas etárias; essa percepção o levou a acreditar que o pensamento se desenvolve gradativamente, assim, iniciou alguns estudos acerca do desenvolvimento das habilidades cognitivas. Mas foi em Genebra, na Casa das Crianças do Instituto Jean-Jacques Rousseau, que Piaget começou a estudar crianças em seu ambiente escolar (PALANGANA, 2015).

Em torno de 1921, voltou para Suíça e, em 1924, se casou com Valentine Châtenay, que foi uma de suas assistentes, com quem teve três filhos. Jaccquelleine, Luciene e Laurnt foram os primeiros contatos próximos de Piaget com "crianças pequenas", esses foram "alvos" de suas observações, principalmente para fins científicos, visto que ele observou o comportamento e o desenvolvimento de seus próprios filhos, ao longo de anos de experimentações (MUNARI, 2010).

Há quem critique Piaget, até hoje, por ter "utilizados os filhos como cobaias" de suas experiências e observações. No entanto, acredita-se que, além das observações e os testes que hoje conhecemos como provas piagetianas, ele não tenha realizado outras formas de experiências, tais como as laboratoriais,

como se imagina ao falar em “cobaias”. A partir de então, ele se dedicou à observação científica do processo de aquisição do conhecimento, sobretudo pela criança. Para tanto, criou um campo de investigação, denominado Epistemologia Genética, que se transformou em uma grande teoria, pela qual é reconhecido até hoje. Por meio dessas investigações, procurava compreender a aquisição do conhecimento adquirido por meio do desenvolvimento natural da criança.

¶ Para refletir

Jean Piaget aprendeu muito sobre como as crianças pensam, partindo das observações realizadas em várias delas e se atentando ao que parecia ser erro no raciocínio delas.

De acordo com Cunha (2008, p. 3), Piaget estudou o progresso de categorias do conhecimento no decorrer da vida de uma pessoa, desde a tenra infância até a idade adulta. **A psicologia da criança tornou-se assim o seu campo de estudos. Suas pesquisas nessa área consistiram em compreender as categorias cognitivas desde os seus estados iniciais até as suas manifestações mais elaboradas [...]**, isso permitiu que o epistemólogo elaborasse uma teoria sobre o desenvolvimento da inteligência.

Piaget é conhecido como o fundador da Epistemologia Genética, uma teoria desenvolvida com base em estudos da gênese psicológica do pensamento humano. A palavra Epistemologia (*epistemo* = conhecimento; *logia* = estudo) refere-se ao estudo dos mecanismos de formação do conhecimento lógico (tempo, espaço, entre outros), e Genética é derivada de gênese (nascimento), eis o motivo da utilização desses termos para nominar sua teoria (PIAGET, 1970).

Com a teoria da Epistemologia Genética, Piaget conseguiu estudar como acontece a passagem de um conhecimento inicial para um conhecimento superior. De acordo com sua pesquisa, o indivíduo só adquire conhecimento se estiver “estruturalmente” preparado para recebê-lo, pois, sem uma determinada estrutura biológica e cognitiva, não consegue passar de um conhecimento para outro mais complexo, considerando, também, que não há um novo conhecimento se não houver um anterior (PIAGET, 1982).

A pergunta fundamental que Piaget formulou pela primeira vez aos 15 anos de idade (em 1911) orientou suas pesquisas ao longo de toda a vida: como o ser vivo consegue adaptar-se ao meio ambiente? Futuramente, dedicou-se a pesquisar sobre outra questão que norteou seus trabalhos: como o

ser humano passa de um conhecimento para outro mais complexo? Com esses dois problemas, Piaget escreveu várias obras, uma ligada à outra.

Vemos em grande parte de suas obras que a interação do indivíduo com o meio proporciona o desenvolvimento e, por conseguinte, a aquisição do conhecimento. Identificamos aqui uma concepção interacionista do desenvolvimento cognitivo, ou seja, a partir das experiências com o meio, o indivíduo elabora novas estruturas cognitivas, assim, se adapta e enfrenta o seu meio (WILLS; McEWEN, 2016). Piaget é considerado um dos precursores dessa concepção, seus trabalhos são considerados em uma ótica interacionista, pois focaliza mais a relação entre o sujeito e o objeto e acredita que é por meio dela que o indivíduo constrói seu conhecimento. Eis uma teoria maior, o Construtivismo, no qual Piaget também se enquadra como um dos pioneiros.

Em meio a diversos trabalhos sobre a construção do conhecimento do sujeito, por sua interação com o meio, a Teoria da Epistemologia Genética é uma das que se destacou, sobretudo no século XX. Esses estudos foram utilizados pelo campo da Educação devido à relevância em compreender a inteligência humana e por proporcionar que o indivíduo se desenvolva e adquira conhecimentos, visto que é o objetivo maior da escola. Sendo assim, os estudos de Piaget não podem ser ignorados pelas escolas, ainda que anos tenham se passado, as teorias que percorrem o trabalho desse epistemólogo são fundamentais para a compreensão da inteligência humana.

Desenvolvimento para Piaget



FIGURA 1.3 - A cada interação com o meio, surgem novas experiências, que permitem que o desenvolvimento do ser humano seja constante. FONTE: Poznyakov, 123RF.

Quando falamos em desenvolvimento humano, há vários aspectos envolvidos, os quais Brotherrhood e Gallo (2009) destacam: desenvolvimento físico-motor (relacionado ao crescimento orgânico); intelectual (capacidade de pensamento e raciocínio); afetivo-emocional (relacionado, por exemplo, ao modo como o indivíduo reage a situações e pessoas diversas); dentre outros. Em geral, não há como separar esses aspectos, visto que os diferentes desenvolvimentos estão interligados. No entanto, alguns autores enfatizam mais um determinado aspecto do que outro, como é o caso de Piaget, que voltou seu olhar à maturação biológica do corpo humano, influenciado pela sua formação em Biologia.

Segundo Piaget (1982), o desenvolvimento humano é resultado da relação que o organismo estabelece com o meio em que está inserido, a essa teoria chamamos de Interacionismo Piagetiano, que reconhece a influência externa no desenvolvimento e na aprendizagem do sujeito, porém os fatores internos (biológicos) do indivíduo se sobrepõem aos fatores externos, o que para Piaget (1982) significa considerar o conhecimento que surge do indivíduo para o social. O autor ainda ressalta que primeiro o sujeito se desenvolve (biologicamente) e depois aprende.

Segundo Piaget (1982), as crianças organizam suas experiências em estruturas cognitivas (meios de assimilar o conhecimento). A cada interação com o meio, surgem novas experiências, que podem adotar essas mesmas estruturas ou não. A esse processo chamamos de adaptação. De acordo com Fontana e Cruz (1997), Piaget considerava o conhecimento a organização, a estruturação e a explicação da realidade a partir daquilo que se vivencia nas experiências com o objeto.

Existem dois conceitos fundamentais na teoria de Piaget (1996) para que possam ocorrer o desenvolvimento e a aprendizagem: a assimilação e a acomodação. De acordo com o epistemólogo, assimilação é uma associação das estruturas já existentes que podem permanecer tanto invariáveis como mais ou menos modificadas devido à própria associação. Vejamos um exemplo: ao caracterizar um cachorro como um quadrúpede marrom, com rabo, pescoço e um focinho molhado, por exemplo, a criança cria uma estrutura para que possa reconhecer esse animal, mas, ao se deparar com um cavalo que possui as mesmas características (quadrúpede, marrom, com rabo, pescoço e um focinho molhado), pode utilizar a mesma estrutura criada para reconhecer o cão e aplicar para "reconhecer" esse animal como um cachorro também. Nesse caso, a estrutura já existente permanece a mesma. Dizemos, então, que a criança assimilou o conhecimento novo ao antigo.

Imaginemos que a criança, utilizando de suas estruturas cognitivas, aponte para o cavalo e diga que é um cachorro; logo, um adulto a corrige dizendo que não se trata de um cão, mas, sim, de um cavalo. Isso faz com que a criança não utilize mais a estrutura antes elaborada, tendo que criar novas estruturas para conceituar tanto o cachorro quanto o cavalo. Vemos, então, que o novo estímulo provocou a modificação na assimilação, ou seja, não há possibilidade de assimilar as características de cachorro (estruturas antigas) com a de um cavalo (novas estruturas), o que proporciona um esquema para conceituar o cão e outro para o cavalo, a isso chamamos de acomodação.

Segundo Piaget (1996), a acomodação surge da modificação dos esquemas de assimilação, essa deriva da interferência do meio em que se está. Assim, a criança não consegue assimilar a nova informação com as estruturas cognitivas anteriores. Wadsworth (1996, p. 7) complementa afirmando que "**a acomodação explica o desenvolvimento (uma mudança qualitativa), e a assimilação explica o crescimento (uma mudança quantitativa); juntos eles explicam a adaptação intelectual e o desenvolvimento das estruturas cognitivas**". Em suma, a assimilação é a incorporação de novas experiências, e a acomodação é a criação de novos esquemas ou modificação dos antigos. Todo o processo de formação das estruturas intelectuais proporciona o desenvolvimento do sujeito, sobretudo no aspecto intelectual, só assim é possível que o indivíduo aprenda, segundo a perspectiva piagetiana.

Wadsworth (1996) explica que Piaget distinguiu os significados das palavras desenvolvimento e aprendizagem. A primeira refere-se a um processo de construção dos esquemas, realizados pelas experiências do sujeito com seu meio. A aprendizagem é considerada a assimilação de informações específicas do ambiente aos esquemas já existentes. Por isso, Piaget considerava que o desenvolvimento precede a aprendizagem.

Para compreendermos a noção de esquemas, segundo Piaget, devemos considerar os esquemas de ação e os esquemas mentais. O primeiro refere-se à ação da criança sobre o objeto de conhecimento ou em seu meio, sendo assim, a criança conhece seu ambiente por meio da ação que realiza sobre ele, assimilando-o e atribuindo-lhe significados (FONTANA; CRUZ, 1997). Como vimos nos parágrafos anteriores, a assimilação provoca transformação nos esquemas, podendo levar à acomodação.

Após diversas assimilações e acomodações, o sujeito organiza as informações adquiridas de sua realidade, por meio de experiências. A partir desse momento (organização), o indivíduo começa a se desenvolver em termos cognitivos, pois surgem as estruturas mentais que o ajudam a incorporar novos conhecimentos, logo, temos os esquemas mentais que dão origem ao pensamento. **"Os esquemas de ação ampliam-se, coordenam-se entre si, diferenciam-se e acabam por se interiorizar [...]. Esse desenvolvimento contínuo dos esquemas se dá no sentido de uma adaptação cada vez mais complexa e diferenciada à realidade"** (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 47). Dizemos, então, que a assimilação e a acomodação acontecem em uma espiral, visto que ora o sujeito utiliza esquemas anteriores, ora cria outros mais complexos e fica em um vai e volta de aprendizados, como se fosse uma espiral.

Ainda na perspectiva piagetiana, o desenvolvimento depende de fatores internos ligados à maturação da experiência que o sujeito adquire em contato com seu ambiente e, principalmente, de um processo ao qual Piaget denominou equilibração, ou seja, a capacidade de autorregulação que o sujeito possui, sendo esta uma propriedade intrínseca e construtiva da vida mental. Quando nos preparamos com certas dificuldades como, por exemplo, resolver um problema de matemática, nos encontramos em desequilíbrio, pois aquele problema matemático nos tirou do ponto de equilíbrio em que estávamos enquanto resolvíamos problemas "fáceis", dos quais já tínhamos certas estruturas mentais. A cada novo problema "difícil", nossa capacidade de autorregulação ou equilibração entra em ação para superarmos o problema, criando novos esquemas. Isso nos leva a um novo estágio, a reequilibração, que, por meio da acomodação de novos esquemas, nos faz superar os anteriores e criarmos novas possibilidades de ação (FONTANA; CRUZ, 1997).

¶ Para refletir

Piaget propôs o método da observação para a educação da criança. Daí a necessidade de uma pedagogia experimental que colocasse claramente como a criança organiza o real. Criticou a escola tradicional que ensinava a copiar e não a pensar. Para obter bons resultados, o professor deveria respeitar as leis e as etapas

do desenvolvimento da criança. O objetivo da educação não deveria ser repetir ou conservar verdades acabadas, mas aprender por si próprio a conquista do verdadeiro (GADOTI, 2004, p. 146).

GADOTI, Moacir. História das Idéias Pedagógicas. Editora Ática, São Paulo, 8. ed. 2004.

Piaget identificou todos esses aspectos do desenvolvimento humano (assimilação, acomodação, equilíbrio), por meio de suas observações em crianças, incluindo seus filhos. Segundo Fontana e Cruz (1997, p. 48), o desenvolvimento na concepção piagetiana é

um processo de sucessivas equilizações, que conduzem a maneira de agir e de pensar cada vez mais complexas e elaboradas. Esse processo apresenta períodos ou estágios definidos, caracterizados pelo surgimento de novas formas de organização mental.

Os estágios identificados por Piaget seguem uma ordem fixa de desenvolvimento, e a passagem de um estágio ao outro ocorre por meio de uma equilíbrio cada vez mais complexa. Esses estágios acontecem desde o nascimento até a vida adulta, sendo assim, a criança passa de um estágio ao outro até a chegar à vida adulta.

Jean Piaget realizou alguns testes com seus filhos para comprovar em ações o que ele observava na fala das crianças. Em suas explicações sobre os estágios de desenvolvimento cognitivo, vemos alguns exemplos de respostas de crianças sobre um determinado problema. Exemplo de experiência com crianças do estágio Sensório-Motor (0 - 2 anos) e início do Pré-Operatório (3 e 4 anos), sobre destacamento das partes em relação ao todo: ao apresentar às crianças com menos de seis anos uma caixa, aberta, com 20 contas marrons e duas brancas, todas de madeira, pergunta-se a elas: "O que tem mais nesta caixa, contas de madeira ou contas marrons?". Essas crianças, em grande maioria, respondem que há mais contas marrons, pois ainda não são capazes de separar o todo e as partes, pois trata-se de uma ação lógica reversa, que necessita de noções gerais sobre classes, as quais só terão a partir dos sete anos.

Essa experiência é uma das "provas piagetianas" ou "provas operatórias" realizadas até hoje na Psicologia, na Psicopedagogia e demais áreas que trabalham com crianças e adolescentes, quando se quer detectar em qual estágio cognitivo o sujeito está. Atualmente, é fácil encontrar kits dessas provas

ou até mesmo elaborar com materiais simples (madeiras, brinquedos etc.). Esses kits precisam compor elementos que proporcionem a análise de certas capacidades do sujeito: conservação, classificação, seriação, entre outras características que, em cada estágio, se manifestam ou não, de uma maneira mais elaborada. Utilizando materiais simples como as contas de madeira e realizando certos tipos de experiências, Piaget conseguiu detectar em ações o que se fazia presente na fala das crianças.

Desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem para Piaget



FIGURA 2.3 - A criança adquire novos saberes por meio das interações com outros sujeitos e objetos FONTE: Kuzmina, 123RF.

Quando nascemos, não sabemos ainda nos expressar por meio da fala ou de qualquer outra forma humanamente desenvolvida, sendo assim, o que os bebês fazem para expressar fome, dor, desconforto e outras necessidades? A princípio, podemos falar que choram. Nesse caso, o choro é um mero reflexo que utilizamos desde que nascemos. Para Piaget (1999a), os reflexos são importantes no desenvolvimento cognitivo, pois se transformam em esquemas de ação. Isso ocorre porque o bebê realiza assimilações entre o choro e as consequências, ou seja, se quando está com fome chora, a consequência está no peito que sua mãe oferece e sacia sua fome. Assim, o instinto se transforma em um esquema mental.

Piaget conseguiu observar que esses esquemas acontecem em todas as fases da vida (infância, adolescência e fase adulta), com uma sequência de estágios, os quais conhecemos como os estágios do desenvolvimento cognitivo. Piaget (1999a, p. 15) explica que existem seis estágios do desenvolvimento que marcam o aparecimento de estruturas sucessivamente construídas:

1º O estágio dos reflexos, ou mecanismos hereditários, assim como também das primeiras tendências instintivas (nutrições) e das primeiras emoções. 2º O estágio dos primeiros hábitos motores e das primeiras percepções organizadas, como também dos primeiros sentimentos diferenciados. 3º O estágio da inteligência senso-motora ou prática (anterior à linguagem), das regulações afetivas elementares e das primeiras fixações exteriores da afetividade. [...] 4º O estágio da inteligência intuitiva, dos sentimentos interindividuais espontâneos e das relações sociais de submissão ao adulto (de dois a sete anos, ou segunda parte da "primeira infância"). 5º O estágio das operações intelectuais concretas (começo da lógica) e dos sentimentos morais e sociais de cooperação (de sete a onze-dozes anos). 6º O estágio das operações intelectuais abstratas, da formação da personalidade e da inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos (adolescência).

Cada estágiopossui como característica estruturas originais que se distinguem dos estágios anteriores. Segundo Piaget (1999a), os três primeiros estágios pertencem ao período da lactâncio, que perdura até um ano e meio/dois anos aproximadamente, como o epistemólogo salienta, é anterior ao desenvolvimento da linguagem e do pensamento. Chamamos esse período de Sensório-Motor, Piaget explica que é marcado por um extraordinário desenvolvimento mental, pois o recém-nascido e o lactante percebem o mundo e os movimentos a sua volta, resultando em uma evolução psíquica. Essa assimilação senso-motora do mundo exterior, como diz Piaget (1999a), é realizada por meio de seu corpo.

No primeiro estágio (reflexos), o recém-nascido utiliza-se dos reflexos já mencionados em parágrafos anteriores, que aos poucos se transformam em esquemas de ação. No segundo estágio (hábitos motores), o lactante, entre os três e seis meses, começa a pegar o que vê, essa preensão e manipulação dos objetos proporciona a formação dos novos hábitos motores (conjuntos motores) que podem ser considerados "esquemas senso-motores". A medida que os movimentos repetitivos do bebê vão tendo resultados, ele assimila com os esquemas anteriores, podendo reproduzir novos movimentos. Essa "reação circular" promove o desenvolvimento senso-motor, representando uma forma mais evoluída de assimilação (PIAGET, 1999a).

No terceiro estágio (inteligência prática ou senso-motora), que ocorre por volta do fim do primeiro ano, começa a surgir uma inteligência totalmente prática, referente à manipulação de objetos, percepção e movimentos organizados em esquemas de ação. A exemplo dessa inteligência, Piaget (1999a) cita o ato de pegar uma vareta e puxar um objeto que está longe, essa ação pode ser considerada um ato de inteligência. Nesse estágio, o bebê não se contenta apenas em reproduzir os movimentos interessantes, agora também os varia para ver os diferentes resultados, como uma forma de explorar as consequências, como exemplifica Piaget (1999a) ao mencionar o fato de uma criança jogar um brinquedo em diferentes posições, a fim de analisar suas quedas e trajetórias.

A criança, no período sensório-motor, experimenta o mundo por meio de seu corpo. Todos os sentidos são utilizados pela criança para conhecer o objeto. Isso explica por que em determinada fase as crianças costumam colocar tudo na boca. É também a fase do egocentrismo, considerado, assim, pelo fato de a criança utilizar seu próprio corpo como única referência.

Após o período sensório-motor, que compreende três estágios do desenvolvimento cognitivo e antecede o aparecimento da linguagem e do pensamento, podemos identificar o período Pré-Operatório, que, para Piaget (1999a), é o quarto estágio (inteligência intuitiva). As crianças entram nesse estágio por volta dos dois anos de idade e nele perduram até os sete anos, aproximadamente. Essa faixa etária é considerada pelo referido autor como a primeira infância. A linguagem já começa a ser presente na criança por volta dos dois anos de vida, sendo assim, três consequências importantes para o desenvolvimento mental surgem: **a socialização** - trocas entre a criança e o outro; **o pensamento** - interiorização da palavra, da linguagem e do sistema de signos; e **a intuição** - que se refere à interiorização da ação, que no estágio anterior era perceptivo e motor, passando a ser, neste estágio, do plano intuitivo das imagens e das experiências mentais (PIAGET, 1999a). Explorando cada consequência da linguagem, é possível compreender as implicações no estágio pré-operatório.

Socialização da ação - a troca e a comunicação entre os indivíduos é possível a partir da segunda metade do nosso primeiro ano de vida, ocorre devido à imitação, ligada ao desenvolvimento sensório-motor. Como já vimos, os movimentos produzidos pelos bebês promovem o desenvolvimento senso-motor, que representa uma forma evoluída de assimilação (dos esquemas elaborados a partir de outros movimentos). Com o passar do tempo, a criança vai imitando movimentos de quem o cerca, a princípio

de forma espontânea e depois com formas cada vez mais precisas e complexas. Os sons também são imitados e o desenvolvimento acontece de forma semelhante. É importante que a criança realize esse tipo de imitação, que está conectado com a aquisição da linguagem, afinal, aprendemos a falar imitando a fala do outro (PIAGET, 1999a).

Gênese do pensamento - a linguagem permite reconstruir o passado, evocar objetos ausentes e até antecipar ações futuras, esse é o ponto de partida do pensamento. A linguagem é vista por Piaget (1999a) como um veículo do pensamento, pois por meio dela a criança utiliza-se de conceitos e noções que pertencem a todos e perpassam o pensamento individual. Entre os dois e sete anos de idade, a criança passa por transições entre duas formas extremas de pensamento: pensamento por incorporação ou assimilação pura (em que o egocentrismo predomina, aparecendo em jogos simbólicos em que a criança brinca de imitar ou imagina, porém, é egocêntrica porque a criança representa, na brincadeira, sua própria vida); e pensamento adaptado aos outros e ao real (que pode ser chamado de pensamento intuitivo, pois a criança passa a expressar em seus jogos pensamentos que representam mais o real ao qual está familiarizado, podendo ser considerado a lógica da primeira infância) (PIAGET, 1999a).

Intuição - também está ligada ao egocentrismo, pois a criança entre os dois e sete anos de idade faz afirmações sem provar/demonstrar o que diz. Isso está relacionado à confiança em si, existente antes mesmo que alguém a tenha ensinado a discutir e antes de ter interiorizado tal conduta (a reflexão). Apesar de suas ações e de a manipulação de objetos e palavras estarem bem apropriadas, nessa idade, ainda não possuem um domínio verbal, o que a impede de utilizar muitas palavras, expressões e argumentações. É possível dizer que a intuição se assemelha à lógica, ainda que a criança nessa faixa etária não seja capaz de pensar simultaneamente uma operação com a sua inversa (ausência de reversibilidade), mesmo assim, são notórias as conquistas de equilibração presentes nessa fase (PIAGET, 1999a).

Em suma, podemos caracterizar o estágio Pré-Operatório como um período com importantes conquistas, tais como: a imitação diferida, os jogos simbólicos, a linguagem e a imagem mental. A criança nesse estágio ainda está ligada ao egocentrismo, mas aos poucos passa a ter pensamentos intuitivos (expressão e representação do real).

A infância, a partir dos sete até os 12 anos, enquadra-se no período Operacional. Conforme as explicações de Piaget (1999a), é o estágio das operações intelectuais concretas (quinto estágio). Nesse estágio, a criança começa a realizar operações matemáticas, o raciocínio lógico começa a ser despertado, ainda que precise da realidade concreta para realizar determinados cálculos. As operações, segundo Piaget (1999a), podem ser lógicas com conceitos e classes ou de relações; podem ser aritméticas e seus inversos; geométricas; temporais; mecânicas; entre outros. Sendo assim, é psicologicamente uma ação qualquer (envolvendo pessoas, unidades numéricas, deslocamentos etc.), cuja origem é sempre motora, perceptiva ou intuitiva. Vejamos o exemplo citado pelo próprio epistemólogo, considerando a compreensão de classe que a criança desenvolve nesse estágio.

A classificação de grupos e objetos, por exemplo, é uma capacidade operacional, está ligada à área da Matemática. Uma criança não consegue classificar um grupo de pessoas, por exemplo, "do nada". A exemplo, Piaget (1999a) cita a classificação de família (pai, mãe, irmão) que a criança constrói dentro de seu ambiente familiar, assim, começa a classificar as demais famílias. Assim acontece com cores, formas, tamanhos, que vão se transformando em classificações cada vez mais complexas. Ao chegar aos sete anos entram contato com a alfabetização, essa habilidade de extrema importância para a classificação de letras e números. Uma criança que não sabe classificar grupos e objetos possui muita dificuldade em sua alfabetização. Ao longo da segunda infância (dos sete aos doze anos), a criança desenvolve capacidades de classificação; seriação; compreensão do espaço, do tempo, de peso e outras operações mais complexas de raciocínio lógico-matemático.

A adolescência, iniciada por volta dos doze anos, comprehende o período da Operação Formal, para Piaget (1999a), engloba o último estágio do desenvolvimento cognitivo (operações intelectuais abstratas). De acordo com a teoria piagetiana, o que difere o adolescente da criança é sua capacidade de construir sistemas e teorias. A criança possui de forma inconsciente tais sistemas, refletindo-os de forma que apenas quem a observa comprehende. Podemos afirmar que a criança pensa sobre os problemas presentes em seu cotidiano, mas não interliga as soluções, não teoriza sobre. Já o adolescente possui facilidade em teorizar sobre o abstrato, inclusive. Essa diferença ocorre devido ao fato de as operações de inteligência infantil estarem ligadas apenas à realidade (objetos tangíveis, manipuláveis). O adolescente, em contrapartida, já é capaz de substituir objetos reais por figuras mentais (PIAGET, 1999a).

Um exemplo simples é uma operação matemática básica. Se pedirmos que uma criança de sete anos calcule oito maçãs com mais três maçãs, ela utilizará algum material concreto para conseguir realizar a soma (as próprias maçãs, se tiver, se não, os dedos das mãos ou fazendo riscos em um papel e assim por diante). Mas se pedirmos a um adolescente de 12 anos para que realize a mesma conta, ele será capaz de resolver o cálculo mentalmente, sem a ajuda de um material concreto. Piaget (1999a) explica que, após os 11 ou 12 anos, o pensamento formal torna-se possível, o que significa que as operações lógicas começam a ser passadas do plano real para o das ideias, expressas em diversas linguagens (palavras, símbolos matemáticos, entre outros).

Segundo a teoria piagetiana, o sujeito precisa estar biologicamente preparado para aprender. Sendo assim, há uma construção progressiva das estruturas lógicas que se inicia logo ao nascermos e, a cada experiência mais complexa, passamos de um estágio ao outro mais elevado. A cada desenvolvimento cognitivo, tornamo-nos preparados para determinados aprendizados, que se limitam ao preparo biológico, segundo o epistemólogo Jean Piaget. A seguir, veremos como a aprendizagem se concretiza na visão do autor supracitado.

Ampliando o conhecimento

Jean Piaget dedicou suas pesquisas ao estudo do desenvolvimento humano, para ele, a aprendizagem se submete ao desenvolvimento, ou seja, é preciso primeiramente se desenvolver, havendo, assim, um aumento de conhecimento, explicação que tem como base a formação biológica. Logo, não encontraremos nas obras de Piaget uma dedicação ao termo "aprendizagem", no entanto, existem quatro palavras norteadoras da teoria desse epistemólogo, sendo elas: assimilação, acomodação, adaptação e equilibração.

Piaget (1997) defendia que, se nomeasse todo o tipo de aquisição cognitiva de "aprendizagem", estaria considerando o desenvolvimento apenas uma soma de sucessíveis situações de aprendizagem, ou seja, para ele, o termo aprendizagem reduz o conhecimento a "cópias funcionais imediatas" que não contribuem para o indivíduo. Essa ideia para Piaget ligava o conceito de "aprendizagem" à mera cópia do que o objeto transmitia. Assim, argumenta que, a partir do desenvolvimento cognitivo, é possível que o sujeito obtenha conhecimentos por meio das interações com outros sujeitos e objetos, sendo fruto de uma intervenção e não de uma cópia.

Ao considerarmos a teoria piagetiana, falamos, então, em desenvolvimento e aquisição de conhecimento. O primeiro termo refere-se aos aspectos biológicos e cognitivos do ser humano, o segundo termo é uma capacidade que o sujeito possui de transformar e transcender as realidades com as quais teve contato, experimentando e explicando o objeto (SEBER, 1997).

Os conhecimentos não partem, com efeito, nem do sujeito (conhecimento somático ou introspecção) nem do objeto (porque a própria percepção contém uma parte considerável de organização), mas interações entre o sujeito e o objeto, das interações entre sujeito e objeto, e de interações inicialmente provocadas pelas atividades espontâneas do organismo tanto quanto pelos estímulos externos. A partir destas interações primitivas, onde os fatores internos e externos colaboram de maneira indissociável (e são subjetivamente confundidos), os conhecimentos orientam-se em duas direções complementares, apoiando-se constantemente nas ações e nos esquemas de ação, fora dos quais não têm nenhum poder nem sobre o real nem sobre a análise interior).

[PIAGET, 1967, p. 39-40]

Sendo assim, ao falarmos de Educação em uma perspectiva piagetiana, devemos considerar o desenvolvimento do sujeito e seu conhecimento (e não aprendizagem), que vai além de cópias de falas, ideias e conceitos de outros sujeitos e do que um objeto pode oferecer. O conhecimento depende do raciocínio lógico para existir. O conhecimento amplia os esquemas mencionados em parágrafos anteriores, o que, de acordo com a teoria de Piaget, advém da assimilação que se realiza num processo cognitivo contínuo.

Considerando os principais conceitos da teoria de Piaget, podemos compreender que a assimilação (interpretação e interiorização das informações do mundo) e a acomodação (estrutura mental - organização do sujeito para conhecer o mundo - que se modifica para dar conta de compreender o objeto assimilado) são dois processos presentes em nossas vidas em todos os estágios, pois é por meio da assimilação e da acomodação que ocorre o processo de inteligência, ou seja, o sujeito em contato com o meio, assimilando informações, modificando o objeto e se acomodando (modificando a si para compreendê-lo) adquire conhecimentos.

Representação, linguagem e socialização



FIGURA 3.3 - A criança, por meio da socialização, aprende a realizar em suas representações que ao longo do dia adquire como experiência, além de utilizar a linguagem para articular suas ideias, principalmente no momento das brincadeiras FONTE: Kuzmina, 123RF.

A representação pode ocorrer por diversos meios: desenho, linguagem, brincadeiras, entre outras. A primeira forma de representação da criança, ainda no estágio Sensório-Motor, são os gestos. No estágio seguinte (Pré-Operatório), os gestos tornam-se mais complexos e podem aparecer em outras formas de representações, os jogos simbólicos e o desenho. Nos jogos simbólicos, a criança é capaz de repetir movimentos (imitações) de ações vistas depois de muito tempo se passar. Nos desenhos, os gestos são identificados até os dois anos como garatujas, ou seja, movimentos desordenados a princípio e que, depois, no segundo estágio do desenvolvimento, começam a se tornar traços longínquos e ou circulares (PIAGET, 1999b).

Vemos, então, que o desenho também toma formas mais elaboradas a cada nível que a criança avança. A partir dos três anos, a criança começa a descobrir que pode estabelecer relação entre o que desenha, o que pensa e a realidade. Piaget (1999b) identifica que a criança nessa fase está no período pré-esquemático, pois já pode realizar desenhos procurando dar formas a eles. O esquematismo, de fato, só

aparece aos 8 anos, quando a criança, em estágio Operatório Concreto, torna-se capaz de compreender os diferentes esquemas, por exemplo, do corpo humano. Ela percebe que temos várias partes esquemáticas e é capaz de transpô-las para o papel em forma de desenho.

Se antes ela desenhava pessoas sem os dedos das mãos, sem nariz ou sem orelhas, agora ela começa a compor seu desenho com as partes principais (PIAGET, 1999b). Assim, notamos que os desenhos também passam por fases cada vez mais complexas, que dependem do desenvolvimento cognitivo da criança. **"Os instrumentos de representação (jogo simbólico, imitação diferida, linguagem) permitem a interiorização dos esquemas de ação de uma forma parcial e progressiva"** (SOARES, 2009, p. 4). Todas as representações acompanham o desenvolvimento do sujeito.

A linguagem também foi tema presente nas obras de Piaget. Após a representação da criança por gestos (resultados de um prolongamento das imitações), ocorre uma transição entre o período Sensório-Motor e o Pré-Operatório, em que as imagens mentais começam a passar para um nível superior, a função simbólica. Entre os dois e sete anos de idade, a criança apresenta cinco condutas que marcam o surgimento da função simbólica, como podemos ver com Bosse (2003, p. 79):

1. Imitação diferida

Trata-se de uma imitação superior à realizada no estágio sensorial, visto que agora ela é capaz de realizar a imitação na ausência do que viu, por exemplo, se antes ela imitava um adulto bater palmas enquanto estava o vendo bater, agora ela pode reproduzir esta ação na falta dessa cena. Após ela ver um adulto tirando o pó dos móveis utilizando um pano, a criança pode, horas depois, ao encontrar um pano semelhante, agir da mesma forma. Atos como esse, marcam a passagem do nível Sensório-Motor para o das condutas representativas.

2. Jogo simbólico

É o que conhecemos como "faz de conta". Essa conduta permite que a criança entenda o mundo adulto por assimilações. Ela pode reproduzir situações vivenciadas durante horas, em diferentes dias e de modos diferentes, o que indica uma tentativa de compreender e internalizar os acontecimentos do mundo real, assimilando com os esquemas.

3. Desenho

É uma ação intermediária no jogo com a imagem mental. Vale ressaltar que a imagem gráfica não costuma aparecer antes dos dois anos e meio de idade, pois, no estágio sensorial, há predomínio da reprodução dos gestos. Já no início do estágio Pré-Operatório (2-3 anos), a criança, ao usar um lápis e um papel, realiza as garatujas, que representam os gestos; posteriormente, até o final desse nível (7 anos), acontece a relação entre desenho, pensamento e realidade, ainda que no registro os elementos não se relacionem.

4. Imagem mental

Este elemento é considerado estático no período Pré-Operatório. A exemplo temos a experiência realizada por meio de uma das provas piagetianas, a conservação de massa, em que pegamos duas massas de modelar e pedimos que a criança faça duas bolas iguais (mesmo tamanho, peso...). Em seguida perguntamos onde tem mais massa, ela é capaz de responder que ambas possuem a mesma quantidade. Porém, ao pegarmos uma das bolas e remodelar em um formato de palito, por exemplo, se questionarmos novamente onde tem mais massa, ela responderá que é na bola, pois ela é, momentaneamente, incapaz de considerar os movimentos e as transformações.

5. Linguagem

O aparecimento desta habilidade permite que a criança torne "acessível" fatos já acontecidos ou que estão por vir e objetos que não estão presentes, por exemplo. Sendo assim, a interiorização da palavra caracteriza o surgimento do pensamento.

Para Piaget (1999b), a passagem do egocentrismo (fase em que a criança se volta para ela mesma e interliga tudo a sua volta com seu corpo, seus desejos, em prol de um reconhecimento do ambiente) para o pensamento lógico está relacionada com a linguagem socializada (termos e conceitos compartilhados entre os sujeitos próximos à criança) que proporcionará o desenvolvimento do pensamento, com o auxílio importante da linguagem. Ou seja, na perspectiva piagetiana, o desenvolvimento do pensamento ocorre por meio dos fatores sociais e culturais. Soares (2009, p. 4-5) salienta que, na perspectiva piagetiana,

A linguagem é uma condição necessária, mas não suficiente para a construção das operações lógicas. Os verdadeiros mecanismos de passagem de um estado de desenvolvimento a outro são os processos de abstração empírica que se realizam sobre os objetos e, sobretudo, as abstrações via pensamento que se aplicam às ações e a suas coordenações. Assim, a linguagem constitui uma organização, ao nível representativo, dos progressos realizados pela abstração via pensamento, mas não pode engendrar uma nova operação cognitiva.

Considerando a ideia da autora supracitada, a linguagem é um instrumento utilizado para a construção das operações lógicas, porém o que de fato contribuirá para o desenvolvimento do pensamento e de novas estruturas cognitivas são os processos de abstração empírica. A linguagem, por sua vez, depende da socialização do indivíduo com o meio.

Como vimos no primeiro tópico desta unidade, Piaget defendia uma teoria Interacionista, explicando que o sujeito interagindo com seu meio se desenvolve. Em outras palavras, a interação do sujeito com o objeto ou com outros sujeitos (socialização) proporciona o contato com novas experiências que contribuirão em seu desenvolvimento e na aquisição de conhecimento. Por isso, ele defendia a socialização da criança com o outro, por meio de jogos, brincadeiras e outras atividades coletivas.

Ampliando o conhecimento

As relações e o conhecimento sobre o mundo real são adquiridos pela criança por meio de suas interações com os outros e os objetos. Como vimos em parágrafos anteriores, a criança utiliza o "faz de conta" para compreender o mundo e realizar assimilações, de modo que interiorize o conhecimento. Por isso, o faz de conta é considerado importante pelas escolas e documentos educacionais, que exigem que professores proporcionem esses momentos às crianças, sem interferências desnecessárias, pois "os professores podem guiá-las proporcionando-lhes os materiais apropriados mas o essencial é que, para que uma criança entenda, deve construir ela mesma, deve reinventar. Cada vez que ensinamos algo a uma criança, estamos impedindo que ela descubra por si mesma" (PIAGET, 1998, p. 64).

Podemos identificar, neste tópico, a relação entre as representações, a linguagem e a socialização sob a perspectiva de Piaget. Todas são importantes para os processos de desenvolvimento, considerando que são características de determinadas etapas e contribuem para a aquisição de conhecimento, não sendo isoladas de um todo, compreendendo os complexos estágios de desenvolvimento cognitivo.

Indicação de leitura

Nome do livro: Seis estudos de Psicologia

Autor: Jean Piaget

Editora: Forense Universitária

ISBN: 85-218-0246-3

Esta obra foi utilizada em trechos desta unidade e é uma indicação de leitura devido a sua relevância para a compreensão dos estágios de desenvolvimento descritos pelo próprio Piaget (1999). Faz-se necessária a leitura desse material, sobretudo, pelos profissionais que lidam com crianças e adolescentes, a fim de compreender os níveis em que se encontra cada sujeito, suas ações e como ocorre a aquisição de conhecimento em cada estágio.

UNIDADE II

O Desenvolvimento e a Aprendizagem para Vygotsky

Renata Simões de Brito Cardoso

Suzi Maria Nunes Cordeiro

Esta unidade aborda os conceitos de aprendizagem e de desenvolvimento, segundo Vygotsky, que elaborou uma teoria denominada de Histórico-Cultural, com abordagens Sociointeracionistas, demonstrando que o desenvolvimento humano, que ocorre em meio à aprendizagem, se faz nas relações e nas trocas sociais. A unidade está dividida em cinco tópicos. O primeiro aborda a vida e as obras de Lev Vygotsky, para que seja possível compreender o contexto no qual esse autor desenvolveu sua teoria. No segundo tópico, explanamos os processos mentais superiores, a fim de conhecermos as transformações do desenvolvimento humano. O terceiro tópico apresenta as zonas e o nível de desenvolvimento pelo qual passamos ao adquirir conhecimentos e a importância da brincadeira no desenvolvimento infantil. Por fim, o último tópico apresenta, sob a perspectiva vygotskiana, os aspectos do pensamento e da linguagem.

A teoria de Lev Vygotsky

Lev Semionovich Vygotsky nasceu em Orsha, Rússia, em 17 de novembro de 1896. Era filho de um chefe de banco e de uma professora, que não exercia a profissão. Estudou na Universidade de Moscou, de 1912 a 1917, quando concluiu o curso de Direito. Apesar de sua formação inicial, destacou-se na área das Artes, na qual concluiu seu Doutorado sobre Psicologia da Arte. Aos 20 anos, escreveu uma obra sobre "Hamlet", o que demonstra o vasto interesse do autor, além dos estudos científicos na universidade, pelas artes, como a literatura (IVIC, 2010).

Apesar de não ter tido formação em Psicologia, tornou-se um dos maiores nomes no campo da Psicologia da Educação. Segundo Ivic (2010), Vygotsky chegou a lecionar e dar palestras sobre psicologia em Gomel, onde começou a se interessar pelas crianças com deficiências e passou a observá-las. Já em 1924, em Moscou, tornou-se colaborador do Instituto de Psicologia, em que revolucionou a Psicologia, juntamente com seu grupo de colaboradores, criando a teoria Histórico-Cultural dos fenômenos psicológicos. A primeira obra que levou Vygotsky a se aproximar de fato desse campo foi "Psicologia da Arte", escrita em 1925.

Desse período até 1934, quando faleceu aos 37 anos de idade, devido à tuberculose que se disseminava na época, realizou várias produções; ao longo de sua vida, produziu cerca de 200 obras, algumas se perderam e grande parte só foi publicada após sua morte (IVIC, 2010). Uma de suas produções mais marcantes é "Pensamento e Linguagem", publicada em 1962, que aborda a relação entre o pensamento e a palavra, em uma perspectiva psicológica. Nessa obra, Vygotsky faz uso da teoria de Piaget sobre a linguagem e o pensamento da criança (VYGOTSKY, 2002).

Ampliando o conhecimento

Para compreender a Teoria de Lev Vygotsky, assista ao documentário narrado por Marta Kohl de Oliveira. Esse documentário trata da preocupação de Vygotsky em entender o funcionamento psicológico do ser humano, integrando aspectos biológicos e culturais. [www.youtube.com<https://www.youtube.com/watch?v=YK9ZNF_-1t4>](https://www.youtube.com/watch?v=YK9ZNF_-1t4).

Ao tomarmos conhecimento da vasta obra de Vygotsky, percebemos que, desde que recebeu a notícia de que estava com tuberculose, acelerou as produções, que, em uma década, se encerraram. Nesse mesmo período, se dedicou ao desenvolvimento de sua Teoria Histórico-Cultural, também chamada de Sociocultural, que só começou a ser conhecida após sua morte e, até hoje, é reconhecida mundialmente e muito utilizada aqui no Brasil.

Para desenvolver sua teoria, Vygotsky utilizou os princípios e métodos do Materialismo Histórico Dialético, a fim de organizar o novo sistema psicológico. É possível encontrarmos, em algumas de suas obras, menções a Marx e Engels, que demonstram sua visão histórica e social do homem, como exemplo, há a obra "Formação social da mente", em que Vygotsky (1991) explica que a utilização desse materialismo marxista é relevante para a psicologia, visto que analisa o comportamento humano em sociedade, o que sintetiza as obras socioculturais dos processos psicológicos superiores, que veremos nos tópicos seguintes.

A psicologia foi o caminho trilhado por Vygotsky para a realização de suas pesquisas. Há grandes contribuições desse autor para a área da Educação, pois ele, também, se dedicou a estudar a formação de professores e seu papel no processo de ensino e de aprendizagem de crianças, sobretudo as com deficiência (na visão, na audição, dentre outras). Com grande foco no desenvolvimento humano, as pesquisas de Vygotsky nos ajudam a compreender como esse desenvolvimento ocorre em meio à aprendizagem da criança principalmente. Para tanto, o autor apresentou abordagens sociointeracionistas em suas discussões, demonstrando que o desenvolvimento humano se faz nas relações e nas trocas sociais, por meio de interação e mediação.

Se compararmos a vida e a obra de Vygotsky com as de Piaget, visto na unidade anterior, podemos notar certas semelhanças, desde o ano de nascimento, passando por experiências como professores universitários, até o desenvolvimento de teorias que têm pontos convergentes, mas que, em detalhes, se diferem, por exemplo, o fato de ambos escreverem em uma perspectiva interacionista (ponto convergente), mas com focos específicos (diferentes). Enquanto Piaget escrevia na perspectiva interacionista com foco na relação do sujeito com o objeto, a fim de que ele construísse seus próprios conhecimentos por meio das experiências que o levariam a novas estruturas e estágios de desenvolvimento, Vygotsky se dedicou a pesquisas com perspectivas, também, interacionistas, mas tendo foco a relação do sujeito com outros sujeitos, acontecendo trocas sociais, culturais, interação e mediação. Por isso, além de interacionista, as obras de Vygotsky também são sociointeracionistas, pois consideram a interação social dos sujeitos na construção da aprendizagem e no desenvolvimento.

O papel do professor fica nítido nas discussões de Vygotsky sobre o desenvolvimento e a aprendizagem, pois é nessa interação social que acontece a mediação. Visto dessa perspectiva, podemos concluir que o professor deve agir como mediador entre o objeto (estudo) e a criança, para que

proporcione a aprendizagem e o desenvolvimento. De acordo com Tuleski (2002), o maior objetivo nas obras de Vygotsky era estudar os processos de transformação do desenvolvimento humano, como veremos no tópico seguinte.

Os processos de transformação do desenvolvimento humano

Vygotsky, com pouco mais de 30 anos de vida, contribuiu muito com seus conhecimentos. Há discussões, até hoje, sobre o que mais ele poderia escrever se tivesse vivido por mais tempo. Para seus estudos, utilizou o Método Dialético, a fim de compreender o comportamento humano e a sua relação com o social, para entender, também, o papel da educação no desenvolvimento humano, sobretudo o infantil. Para tal fim, ele considerava os estudos da Pedologia, ciência da criança que integra as relações biológicas, psicológicas e antropológicas (REGO, 1995).

Logo, constatamos que o objetivo central das obras de Vygotsky era o estudo dos processos de transformação do desenvolvimento humano na dimensão histórico-social, que, segundo Tuleski (2002), focalizava nos mecanismos psicológicos mais sofisticados da espécie humana, as funções mentais superiores, que, para ele, eram: percepção, atenção, memória, pensamento, linguagem e comportamento (IVIC, 2010).

Exploraremos, a partir de agora, cada uma das funções mentais superiores na Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky. Todas as funções estão intrinsecamente ligadas, começaremos pela explanação sobre a percepção, a qual não podemos desvincular, sobretudo, da linguagem e da atenção. Segundo Vygotsky (1991), a fala afeta várias funções psicológicas, porém a percepção e a atenção são as mais influenciadas. Ele salienta que a percepção de uma criança não se desenvolve de forma perfeita e contínua. **"Na percepção, no pensamento e na ação a criança tende a fundir os elementos mais diversos numa só imagem não articulada"** (VYGOTSKY, 1987, p. 74). Considerando o exposto, a percepção ocorre, do ponto de vista da criança, a partir de uma realidade com a qual ela se depara com a prática.

A percepção torna-se cada vez mais complexa a cada fase do desenvolvimento das funções mentais. Nós, seres humanos, nascemos com uma possibilidade de percepções definida pelas características sensoriais humanas, e, ao longo da vida, vamos aprimorando essa capacidade, que é, de certa forma, limitada. Por exemplo: a audição humana permite que se percebam sons, timbres, intensidades sonoras e outros elementos do gênero, porém até certo ponto, pois nossa biologia não permite escutarmos sons tão específicos como uma coruja é capaz de perceber. Logo, as nossas capacidades físicas/biológicas estão

relacionadas às capacidades que podemos adquirir com o meio em que vivemos, ou seja, dependendo dos estímulos auditivos que recebemos do meio em que vivemos, podemos desenvolver mais ou menos nossa percepção auditiva, dentro de nossa "limitação" biológica.

Assim acontece com todos os sentidos, a cada contato com o meio, desenvolvemos mais a percepção auditiva, visual, tátil, gustativa e olfativa. No entanto há um elemento que faz com que a nossa percepção passe de um estágio sensorial para um estágio conceitual: a linguagem. Conforme interagimos com outros sujeitos, internalizamos conceitos de outras pessoas e fazemos uso deles. Se mostrarmos para uma criança do período sensorial um relógio de parede, sem ela ter visto antes, e perguntarmos o que é esse objeto, provavelmente ela vai descrever uma de suas características (círculo/redondo). Contudo, conforme essa criança tem contato com o objeto e vê as outras pessoas a sua volta o utilizando e falando sobre ele, internaliza que se trata de um relógio, que serve para ver as horas.

A partir do exemplo supracitado, notamos que a percepção sensorial que a criança tem a princípio torna-se, com a linguagem, uma percepção conceitual, pois ela aprende e faz uso do conceito do objeto e de sua função social. Nesse estágio de percepção, a criança não vê mais os elementos em uma só imagem, mas comprehende seu todo, uma realidade completa e articulada (VYGOTSKY, 1987). Por isso, a linguagem está relacionada de forma direta com o desenvolvimento da percepção.

Com relação à atenção, seu desenvolvimento ocorre de forma semelhante ao da percepção. Segundo Luria (1991), no início de nossas vidas, temos apenas reflexos de concentração, trata-se da atenção involuntária. Ao encontro desse pensamento, Vygotsky (1987) afirmava que essa função se torna voluntária por volta dos sete anos e depende cada vez mais do pensamento da própria criança. Mais uma vez, podemos notar a linguagem como um propulsor do desenvolvimento das demais funções psicológicas superiores, pois, com seu auxílio, a criança domina a atenção e cria centros estruturais novos (VYGOTSKY, 1991). Ainda segundo o autor,

Além de reorganizar o campo visuo-espacial, a criança, com o auxílio da fala, cria um campo temporal que lhe é tão perceptivo e real quanto o visual. A criança que fala tem, dessa forma, a capacidade de dirigir sua atenção de uma maneira dinâmica. Ele pode perceber mudanças na sua situação imediata do ponto de vista de suas atividades passadas, e pode agir no presente com a perspectiva do futuro .

(VYGOTSKY, 1991, p. 27)

Vemos as três funções citadas até o momento, agindo em uma só circunstância. A criança, por meio da fala, organiza seu campo visuoespacial e percebe o que precisa de sua atenção. Assim, focaliza-se para o que de fato importa no momento. É comum vermos, em uma sala de crianças que estão em processo de alfabetização, elas fazerem a leitura individual em voz alta. Nesse momento, a criança faz uso dessas três funções como descrito por Vygotsky (1991), ou seja, a criança, ao ler, utiliza a percepção (visão) e precisa se atentar ao texto para comprehendê-lo, para isso, utiliza a linguagem como meio auxiliar da atenção, assim, ao falar o que lê, se atenta ao que é realmente necessário no momento (a própria leitura e a compreensão do texto).

¶ Para refletir

Vygotsky (1987) salienta que tanto a atenção como a memória se tornam lógicas e voluntárias à medida que o controle de uma é a contrapartida da consciência que cada uma tem. A memória desenvolve-se junto com a percepção, logo, nos anos iniciais, torna-se a função central, visto que é em torno dela que as demais se formarão e que o pensar na primeira infância é determinado pela memória natural. Conforme a interação entre o sujeito e seu meio, essa memória passa de um estágio rudimentar para um mais elaborado, a memória lógica. A memória lógica é considerada por Vygotsky (1991) uma característica evidente do desenvolvimento cognitivo.

Em relação ao pensamento, podemos dizer que se desenvolve na criança à medida que as demais funções também se formam. Ao falarmos dessa função, também não há como dissociá-la da linguagem. De acordo com Vygotsky (1987), os progressos no pensamento e na linguagem se cruzam constantemente, havendo uma estreita correspondência entre ambas por volta dos dois anos, o que nos difere dos outros animais. À medida que temos o desenvolvimento da linguagem e do pensamento, nosso comportamento (também uma função superior) é modificado.

Quando a criança descobre que tudo tem um nome, passa a sentir necessidade de aprender mais palavras, começa, então, a fase das perguntas: "O que é isso?", "Por quê?", "Como/o que faz isso?", dentre outros questionamentos que a ajudarão no aumento do vocabulário que se torna necessário para o

desenvolvimento de seu pensamento. Aqui, as trajetórias das duas funções psicológicas superiores citadas se encontram (VYGOTSKY, 1987).

Por esse viés, Vygotsky (1987) concluiu que os desenvolvimentos da linguagem e do pensamento, do ponto de vista ontogenético (evolutivo), têm origens diferentes, porém se encontram em determinado momento (necessidade da criança em aumentar o vocabulário para expressar seus pensamentos), de forma que consideremos as seguintes consequências: o pensamento torna-se verbal e a linguagem racional.

Considerando a Teoria Sócio-Histórico-Cultural de Vygotsky, o desenvolvimento transforma o biológico em sócio-histórico, assim ocorre com as funções psicológicas superiores, que saem do plano sensorial, de reflexos e "naturais", para serem mediadas, determinadas por processos histórico-culturais. **"As funções rudimentares, inativas, permanecem não como remanescentes vivos da evolução biológica, mas como remanescentes do desenvolvimento histórico do comportamento"** (VYGOTSKY, 1991, p. 46). Logo, Vygotsky (1987) ressalta que o pensamento e o discurso são influenciados pelo materialismo histórico, bem como o desenvolvimento do comportamento seguirá o desenvolvimento histórico-social.

O desenvolvimento segundo Vygotsky e a importância dos jogos no desenvolvimento infantil

Se para Piaget o desenvolvimento precede a aprendizagem, para Vygotsky, os dois processos estão paralelos. Ao tecer uma longa discussão sobre as três posições teóricas conhecidas pelo autor, na época, Vygotsky (1991) apresentou os autores e seus principais argumentos sobre a aprendizagem e o desenvolvimento, dentre os quais citou o próprio Piaget, que representava a primeira teoria discutida, o Construtivismo. Segundo Vygotsky (1991), essa teoria considerava o processo de desenvolvimento da criança independente do aprendizado, sendo um processo externo, ou seja, a aprendizagem apenas utiliza os avanços do desenvolvimento, mas não fornece impulso para ele.

Ao explicar a segunda teoria, a Comportamental, Vygotsky (1991) cita autores como Thorndike, que defende a aprendizagem como sendo o próprio desenvolvimento. A Teoria Comportamental se pauta no conceito de reflexo, sendo assim, considera que o desenvolvimento é o domínio dos reflexos condicionados, e a aprendizagem é a formação de hábitos. Os dois processos ocorrem simultaneamente para esse segundo grupo de teóricos (VYGOTSKY, 1991).

A terceira teoria, sem nome na realidade, é defendida por Koffka, e assim denominada por Vygotsky (1991): o desenvolvimento na Teoria de Koffka, sendo pautada por dois processos diferentes, ainda que sejam relacionados, um influencia o outro, em contrapartida às duas primeiras teorias supracitadas, que consideravam o desenvolvimento e a aprendizagem dois processos distintos, essa teoria os combina. Da mesma forma, as duas teorias anteriores não consideravam os dois processos mútuos e dependentes, o que acontece na Teoria de Koffka; por fim, essa última teoria considera a aprendizagem como um estimulador e propulsor do desenvolvimento (VYGOTSKY, 1991).

Ao fim da explanação de cada teoria, Vygotsky (1991) salienta que rejeita as três teorias, mas a análise realizada o levou para uma melhor compreensão sobre a aprendizagem e o desenvolvimento. Para explicar a sua teoria, o autor se pauta em duas questões norteadoras: qual a relação geral entre os dois processos? E, também, qual a relação específica entre a aprendizagem e o desenvolvimento da criança quando ela atinge a idade escolar? Para respondê-las, Vygotsky (1991) considerou que o aprendizado da criança começa antes mesmo dela frequentar as instituições de ensino.

Segundo Vygotsky (1991), a criança tem conhecimentos espontâneos, ou seja, aqueles conhecimentos que ela adquire antes mesmo de ir à escola e aprendê-los de forma cientificamente elaborada. Vejamos um exemplo: a criança, ao frequentar a escola, começa a aprender aritmética, porém, na idade pré-escolar (antes de estudar em instituições de ensino formal), já teve alguma experiência com quantidades. Fato é que a aprendizagem e o desenvolvimento são inter-relacionados desde o nascimento, na visão de Vygotsky.

O que difere, porém, o aprendizado pré-escolar do aprendizado escolar? Um dos fatores que difere a aprendizagem pré-escolar da escolar é a sistematização. O primeiro não é sistematizado (cientificamente organizado), já o segundo é. É a partir dessa constatação que Vygotsky (1991) inicia a explicação de seu novo conceito sobre o aprendizado escolar: Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). A fim de teorizar a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, Vygotsky elaborou mais dois conceitos que se completam na teoria vygotskiana: Nível de Desenvolvimento Real (NDR) e Nível de Desenvolvimento Potencial (NDP). O aprendizado deve ser coerente com o nível de desenvolvimento da criança, porém não se deve limitar a determinação desses níveis quando o objetivo é descobrir a relação entre o desenvolvimento e a aprendizagem. A fim de identificar essa relação dos processos, Vygotsky (1991) determinou os dois níveis do desenvolvimento, NDR e NDP.

¶ Ampliando o conhecimento

O que é aprendizagem?

Na concepção de Vygotsky, a aprendizagem ocorre desde o nascimento do sujeito. A princípio, esse processo acontece por meio de vínculos e trocas familiares, sobretudo com a figura materna, posteriormente, o meio escolar ajuda nesse processo. Esse é o grande motivo de considerarmos a cultura e a sociedade na aprendizagem do ser humano na concepção de Vygotsky.

Nível de Desenvolvimento Real: partindo de um nível de desenvolvimento cujas funções mentais se estabeleceram como resultados de certos ciclos já completos, o nível real de desenvolvimento dessa criança é o que ela já sabe fazer sozinha. A exemplo, Vygotsky (1991) cita uma bateria de exames com diversas atividades e de variadas complexidades, o que a criança consegue fazer sozinha é visto como um indicativo de seu desenvolvimento mental.

Nível de Desenvolvimento Potencial: trata-se, então, de conhecimentos que a criança ainda não consegue realizar sozinha, sendo assim, nesse nível, é preciso da ajuda de uma pessoa que esteja em um nível acima do que a criança se encontra, para que possa ajudá-la a realizar as demais atividades, que ultrapassam seu nível real de desenvolvimento.

Zona de Desenvolvimento Proximal: a distância entre os dois níveis de desenvolvimento supracitados é a zona em que o conhecimento precisa ser mediado para que a criança passe do nível real mental para um mais elaborado, atingindo suas potencialidades. Isso só é possível com a mediação correta.

Um claro exemplo que Vygotsky (1991) cita sobre os níveis de desenvolvimento e a Zona de Desenvolvimento Proximal são as tarefas com diferentes atividades e complexidades, apresentadas a duas crianças com idade mental de oito anos, que acabaram de entrar na escola. Cada uma consegue realizar as atividades que condizem com a faixa dos oito anos de idade mental. Como vimos em parágrafos anteriores, esse seria o Nível de Desenvolvimento Real de ambas. Vygotsky (1991) supõe, porém, que se apresentem formas de resolver os demais problemas que ultrapassam a faixa dos oito anos mentais e, assim, com o auxílio de uma pessoa, uma criança consegue realizar os exercícios correspondentes ao nível dos doze anos mentais, e a outra, dos nove anos mentais. Resta a dúvida: qual seria, então, a idade mental dessas crianças? Elas teriam a mesma idade mental?

Na visão de Vygotsky (1991, p. 112), a partir de sua mediação, as crianças não podem ser consideradas de uma mesma idade mental. **"Essa diferença entre os doze e oito ou entre os nove e o oito é o que chamamos de zona de desenvolvimento proximal"**. Sendo assim, o NDR define funções que já amadureceram, enquanto a ZDP proporciona o desenvolvimento com a ajuda de outro sujeito, do que já foi atingido e, também, do que está em processo de maturação. O que hoje a criança realiza com a

ajuda de outro, ela pode, porém, desempenhar sozinha amanhã, o que significa que a criança que está com seu desenvolvimento na zona proximal pode ampliar o desenvolvimento real e, consequentemente, aumentar as possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem (NDP).

Consideramos, da perspectiva vygotskyana, que, à medida que a criança passa de um nível de desenvolvimento para outro, também aprende. Trata-se de processos que ocorrem de modo paralelo e com interação. Mas é preciso salientar que tanto o desenvolvimento quanto a aprendizagem só ocorrem com mediação, ou seja, na relação entre os sujeitos, por meio de suas trocas culturais e históricas, estabelecendo vínculos, se apropriando de valores, dentre outras trocas sociais que promovem os dois processos mais importantes da vida humana.

Se analisarmos os documentos destinados à Educação Infantil, poderemos verificar que todos abordam o brincar, tamanha a importância que ele tem para o desenvolvimento da criança. Vygotsky também abordou esse tema reconhecendo e explanando sobre alguns aspectos relevantes do jogo no desenvolvimento infantil. De acordo com o autor,

Freqüentemente descrevemos o desenvolvimento da criança como o de suas funções intelectuais; toda criança se apresenta para nós como um teórico, caracterizado pelo nível de desenvolvimento intelectual superior ou inferior, que se desloca de um estágio a outro. Porém, se ignoramos as necessidades da criança e os incentivos que são eficazes para colocá-la em ação, nunca seremos capazes de entender seu avanço de um estágio do desenvolvimento para outro, porque todo avanço está conectado com uma mudança acentuada nas motivações, tendências e incentivos .

(VYGOTSKY, 1991, p. 62)

Mediante a fala do autor, devemos considerar que a criança utiliza o brinquedo para satisfazer desejos de modo imediato, mas que, por sua idade, não pode realizar do mesmo modo que os adultos. Vejamos um exemplo: quando uma criança de dois anos observa sua mãe cortando os alimentos para preparar o almoço, deseja realizar as mesmas ações imediatamente, no entanto, se explicarmos a ela que ainda é muito nova e terá que esperar mais alguns anos para poder manusear uma faca, ela certamente não ficará feliz com a resposta, sequer compreenderá.

Considerando o exposto, a criança que não pode manusear uma faca, mas tem um intenso desejo de "preparar o almoço" igual sua mãe, envolve-se em um mundo de ilusão e imaginação, em que seus desejos podem ser realizados no mundo da brincadeira (VYGOTSKY, 1991). Os momentos de fantasia ou faz

de conta da criança proporcionam a satisfação de realizar ações que não poderiam ser realizadas com outros instrumentos que não fossem brinquedos.

No entanto Vygotsky (1991) salienta que não devemos nos prender a apenas essa visão do brinquedo, visto que sua contribuição vai além de saciar desejos. O autor explica que, por meio da brincadeira, a criança projeta seus pensamentos e interpretações, ou seja, tudo o que ela comprehende do mundo ao seu redor é explicitado por meio de suas brincadeiras. Por exemplo: quando uma criança brinca de mãe e filha com sua boneca, ela projeta ações que ela interpreta como sendo reais entre mãe e filha. Se em sua brincadeira a criança, no papel de mãe, encena um cuidado com o bebê, momentos de afeto, dentre outras características, significa que ela considera tais atitudes maternais, sendo essa sua interpretação de mãe.

O jogo/brincar, portanto, é a expressão da criança sobre aquilo que ela vê em seu cotidiano. Para expressar, é necessário conhecer, assimilar e interpretar ações e atitudes, sendo esses aspectos decorrentes de funções superiores complexas, como a percepção, a atenção, dentre outras, para que, depois, passe para o nível de linguagem (corporal, por exemplo), expresso em gestos e movimentos, tão importantes quanto as demais linguagens (oral e escrita), pois, quanto melhor a criança se expressa em gestos, melhor será seu processo de aquisição de outras linguagens.

Os brinquedos proporcionam à criança a interação com o objeto, fazendo com que ela aprenda a agir cognitivamente, dependendo das motivações e das tendências internas, ou seja, a interação com o objeto proporciona desenvolvimentos cognitivos desde que sua interação tenha sido realizada por necessidades que ela tenha sentido, e não de uma regra imposta pelo brinquedo (VYGOTSKY, 1991). A ação da criança sobre o brinquedo deve ser independente do que o objeto de fato é, por exemplo, uma manta pode tornar-se um brinquedo dependendo da necessidade da criança, podendo ser a falta de uma boneca. Nesse caso, a criança vê a manta não como um objeto com regras (funções), como cobrir um bebê para que não senta frio, mas o vê como um brinquedo que ela manipula (boneca/necessidade).

Isso significa que a criança, nessa fase, separa a percepção visual do significado que o objeto tem no contexto da brincadeira. No exemplo anterior, a criança, apesar de ver a manta, no contexto de sua brincadeira, a significa como um bebê, pois a sua necessidade, no momento, é transformar imaginariamente tal objeto em uma boneca, porém, se em outro momento, fora de sua brincadeira, afirmamos para a criança que aquela manta é um bebê, ela, prontamente, responderá que não, afirmado que se trata de uma manta. **"Isso representa uma tamanha inversão da relação da criança com a situação concreta, real e imediata, que é difícil subestimar seu pleno significado"** (VYGOTSKY, 1991, p. 65). Essa transformação pensamento-objeto não ocorre de uma só vez, pois é um processo difícil para a criança.

Considerando esse fato é que identificamos a relevância do brincar, pois a criança, aos poucos, vai separando a percepção do pensamento por meio do brinquedo, mas isso só acontece mediante a sua necessidade, por exemplo, ela só imaginará a manta como um bebê se for realmente necessário, não

havendo uma boneca que compra o papel de bebê. Segundo Vygotsky (1991), essa mudança na relação da criança com a realidade por meio da imaginação se faz à medida que as estruturas de sua percepção amadurecem, levando-a para outro estágio de desenvolvimento.

Podemos considerar, então, que a grande contribuição do brinquedo é proporcionar à criança que ela estabeleça uma nova relação entre a realidade (percepção visual) e a imaginação (significado). A brincadeira como modo de expressão das interpretações do meio torna-se necessária à criança, para que ela compreenda o mundo a sua volta, o desenvolvimento da expressão por movimentos e ações realizados nas brincadeiras com o corpo, ajudarão no desenvolvimento de outras linguagens, que necessitam de outros tipos de expressão (oral, escrita, dentre outras).

Pensamento e linguagem na perspectiva de Vygotsky

Como vimos em parágrafos anteriores, todas as funções mentais superiores estão interligadas, não sendo possível o desenvolvimento de uma sem a outra, por exemplo, não há como uma criança desenvolver a função da linguagem (escrita, por exemplo) sem antes passar pelos estágios de desenvolvimento dos movimentos. Mas qual a relação entre os movimentos e a alfabetização? Vejamos: segundo Vygotsky (1991), antes da alfabetização, a criança apresenta alguns elementos de seu desenvolvimento que contribuem para esse processo, denominados pré-escrita: gestos, desenhos e jogos.

As primeiras formas de comunicação que aprendemos são os gestos. Podemos notar que, quando a mãe estica os braços em direção ao berço, a criança já se curva em sua direção, pois, com o tempo, aprende que aquele gesto significa que a mãe o pegará. Esses movimentos específicos ficam cada vez mais elaborados e cheios de significados, construídos socialmente (VYGOTSKY, 2000).

Segundo Vygotsky (1991), uma criança de aproximadamente 3 anos de idade (que ainda não sabia escrever e que ainda não dava forma aos seus desenhos), ao receber o pedido para desenhar o ato de correr, realizou rabiscos circulares e desordenados. Ao se deparar com esse pedido, as crianças logo imaginam alguém ou algo correndo, por exemplo, um carro. Os rabiscos desordenados, na verdade, são os gestos que a criança faz do percurso com o carro de brinquedo.

Devemos considerar, então, os primeiros rabiscos das crianças como gestos e não desenhos. Os três elementos da escrita estão interligados o tempo todo. Como vimos no exemplo anterior, a criança usou o gesto para desenhar. Logo, podemos considerar que o jogo esteve relacionado ao desenho, pois o gesto

registrado é realizado durante as brincadeiras da criança, sendo possível identificar, nesse registro, o gesto, a brincadeira e o desenho.

As pessoas alfabetizadas representam, por meio da escrita (grafemas), os seus pensamentos, já a criança na pré-escrita os representa por meio de gestos específicos de suas brincadeiras, por isso, precisa de objetos que tenham similaridade com o movimento que pretende representar. Vygotsky (1991) explica que o movimento da própria criança (seus gestos) atribui função e significado ao objeto. As crianças desenham o que conhecem e o que não conhecem. Vygotsky (1991, p. 75) esclarece que, se pedirmos a elas que desenhem a pessoa que está a sua frente, desenharão uma pessoa sem sequer olhar para ela, "**as crianças não se preocupam muito com a representação; elas são mais simbolistas do que naturalistas [...]**". Com o tempo, elas conseguem representar em seus desenhos ideias mais complexas de forma mais elaborada, com mais detalhes.

À medida que realizam desenhos mais detalhistas, também vão substituindo os gestos por representações mentais dos objetos, nessa fase, ao pedir que a criança desenhe o ato de correr, ela fará o desenho do carro em uma rua ou de uma pessoa correndo, e não o gesto utilizado em suas brincadeiras. Aos poucos, a criança cria consciência de que seus desenhos significam algo. Assim, descobre que, além de desenhar objetos, também pode "desenhar" a fala.

A escrita é um simbolismo de segunda ordem que gradualmente se torna simbolismo direto, ou seja, a criança, para escrever a palavra "casa", primeiro imagina o objeto, tendo a necessidade de falar o nome e depois escrever. Para Vygotsky (2000), a criança deve aprender de forma natural, ou seja, pela necessidade. Em suma, a criança precisa descobrir a escrita e sentir a necessidade de utilizá-la, para, posteriormente, aprender.

Podemos considerar que, dentro da perspectiva vygotskyana, o pensamento é expresso por diferentes linguagens, as quais foram aqui citadas: corporal/gestual, artística, oral e escrita. Ambas estão relacionadas, sobretudo no processo de alfabetização da criança, visto que esta passa por determinados estágios de desenvolvimento, que vão auxiliando em sua maturação e proporcionando o desenvolvimento de novas aquisições de linguagens. Não podemos descartar, também, o fato de que, além de a criança passar por estágios que ampliem seu conhecimento, só será possível o seu desenvolvimento mediante a relação que estabelecer com seu meio (objetos e, principalmente, pessoas), visto que, sem a relação sujeito-sujeito, os processos de aprendizagem e de desenvolvimento ficam comprometidos.

Indicação de leitura

Nome do livro: A formação social da mente

Autor: Lev S. Vygotsky

Editora: Martins Fontes

ISBN: 8533622643

Essa obra é uma coletânea dos principais artigos de Vygotsky que abordam os níveis e a zona de desenvolvimento humano. O homem é exposto como um ser social que tem uma formação sociocultural, que vai além de um desenvolvimento biológico.

UNIDADE III

O Desenvolvimento e a Aprendizagem para Freud

Renata Simões de Brito Cardoso

Suzi Maria Nunes Cordeiro

Esta unidade aborda o desenvolvimento e a aprendizagem na perspectiva da teoria freudiana. Percebemos o quanto importante é conhecer como o ser humano aprende e se desenvolve e como as características de cada sujeito poderão influenciar na vida das pessoas, visto que as experiências moldam a personalidade da criança. A unidade está dividida em cinco tópicos. O primeiro apresenta a teoria de Sigmund Freud e sua importância para a Educação. No segundo tópico, serão abordados a estrutura do aparelho psíquico, ou seja, o primeiro modelo topográfico: consciente, pré-consciente e inconsciente, e o segundo modelo: ego, id e superego. No terceiro tópico, estudaremos as fases do desenvolvimento, objetivando entender que a vida humana, segundo Freud, pode ser dividida em estágios, como: oral, anal, fálico e genital, e como o estudo será sobre a aplicação da Psicanálise à Educação, veremos que a escola é um local adequado para que a criança comece a compreender seus desafios e que, por meio da prática docente, é possível auxiliar nas diferentes situações da vida. No último tópico, apresentaremos o conceito de pulsão na Psicanálise e sua conexão com a Educação.

A teoria de Sigmund Freud e a sua importância na Educação

O ser humano se desenvolve ao longo da vida e, nesse percurso, a sua aprendizagem ocorre por meio do seu contato com o mundo. Ele aprende e satisfaz suas necessidades e, com o passar do tempo, ajusta-se ao meio e o domina, consequentemente, constitui a sua personalidade.

Além da hereditariedade, o que determina o ser humano é o ambiente físico e social (família, amigos, escola, igreja, trabalho etc.). A ocupação que um indivíduo tem na sociedade determina o papel que desempenha socialmente. O que o diferencia das demais pessoas são os valores, e os padrões estabelecidos entre o que "deve" e o que "precisa" influenciam a estrutura de sua personalidade e a ação que tem no mundo.

Não existe indivíduo que, biológica e socialmente, vive situações parecidas ou semelhantes, pois cada um vive situações únicas, específicas, e essas interferem diretamente no seu reconhecimento, ou seja, em sua consistência e estabilidade, bem como nas potencialidades e no dinamismo que se apresentam no decorrer de toda vida.

Esses aspectos apontados são nitidamente observados, quando, na infância, a criança começa a manifestar que está no processo de formação da personalidade, e, no seio de sua família, o alicerçamento da personalidade se molda conforme as vivências e as experiências vão se tornando cada vez mais presentes no cotidiano. Pode-se dizer que o desenvolvimento da personalidade é um processo que pode ser influenciado por inúmeros fatores logo no início, no nascimento, e, também, por toda vida. Para que possamos compreender a teoria que Freud estudou, é fundamental que saibamos como a personalidade se desenvolve.

Sigismund Schlomo Freud nasceu em 1856, em Freiberg, na Áustria, de família de classe média judia; mais tarde, passou a assinar o seu nome como Sigmund Freud. Em Viena, estudou e se formou em medicina, interessado em estudar neuropatologia; por esse motivo, associou-se ao médico Joseph Breuer (1842-1925). Freud casou-se com Martha Bernays e teve seis filhos.

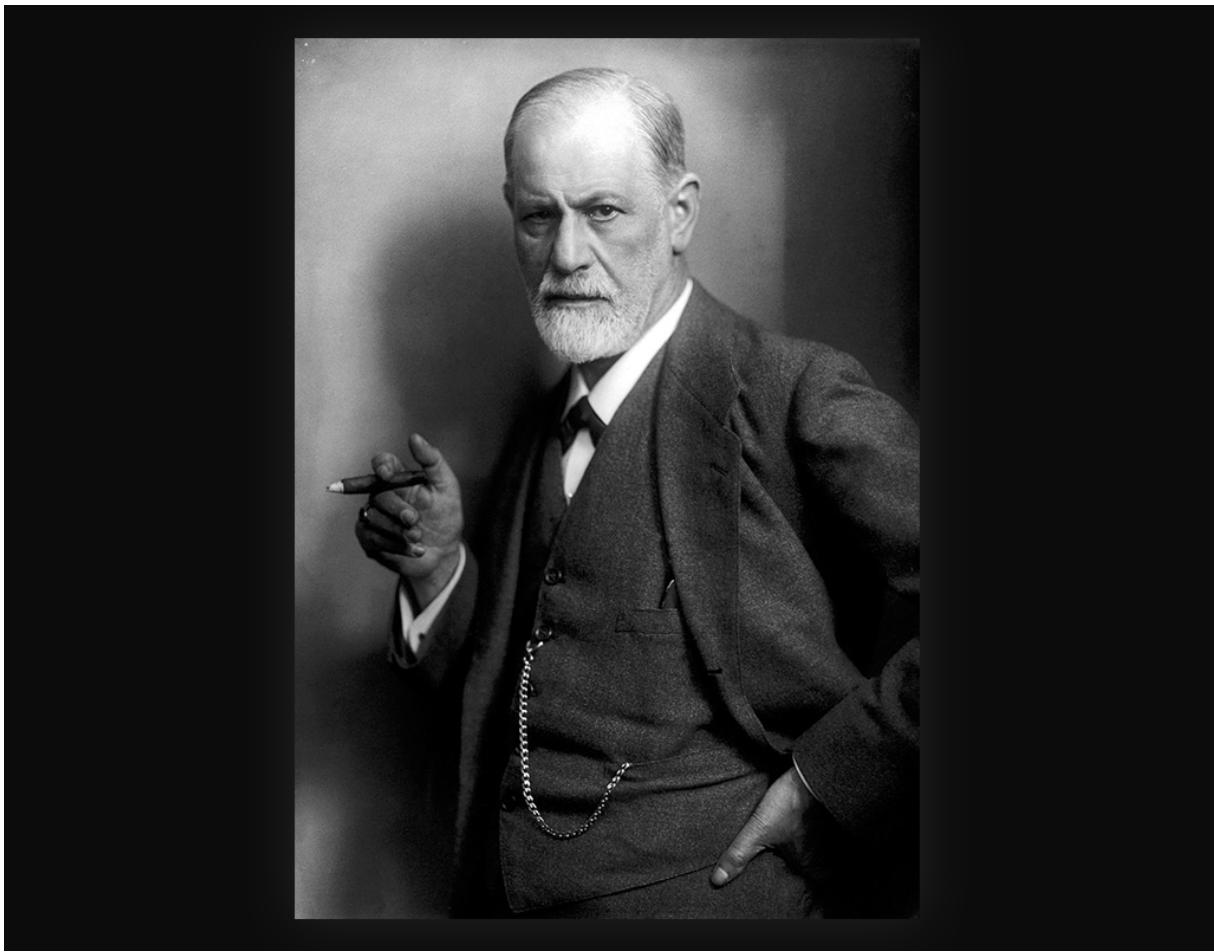


FIGURA 1.3 - Sigmund Freud FONTE: Sigmund... (1921, *on-line*).

As primeiras pesquisas sobre a teoria psicanalítica foram apresentadas no livro "A Interpretação dos Sonhos" (1900), em seguida nos livros "Psicopatologia da Vida Cotidiana" (1904) e "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade" (1905), no entanto, as obras de Freud que tiveram maior amplitude foram "Totem e Tabu" (1913) e "Mal-Estar na Civilização" (1930).

Sigmund Freud (1856-1939) é conhecido como pai da psicanálise, e o impacto de seus estudos tem atingido várias áreas; na Educação, não é diferente. As pesquisas realizadas começaram por meio da observação em mulheres histéricas e, pouco a pouco, seus estudos foram direcionados para a psicologia infantil.

Em 1921, Freud mudou o enfoque de suas pesquisas de estudos clínicos para crítica psicanalista da sociedade.

[...] a psicologia individual [...] explora os caminhos pelos quais [o homem] busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais [...] a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social .

(FREUD, 1976, v. XVIII, p. 91)

As duas faces da mesma moeda, libido e conhecimento, por exemplo, são maneiras de a criança captar o objeto de forma tanto cognitiva como libidinal, sendo, portanto, o objeto de desejo dessa criança (FREUD, 1976). O sujeito quando nasce é capturado pela fala, convive em um universo de fala e organizado por palavras, o qual contribui nas suas representações.

A escola é o lugar enriquecido por contemplar diferentes representações humanas, e a relação entre o professor e o aluno poderá ser atingida; muitas vezes, o aluno pode se sentir protegido ou oprimido. Nesses casos, que lugar o professor ocuparia? De que forma a escola escuta o aluno? São questionamentos para que tanto a fala quanto a escuta sejam contribuintes no ato de aprender. Por esse motivo, a fala e a escuta do professor representam socialmente as relações que, ao longo do tempo, os alunos vão adquirindo em sala de aula, e significam estabelecer comunicação entre o homem e a mulher, ambos têm o poder de formar e informar seus desejos conscientes e inconscientes.

A partir dos estudos da psicanálise, Freud adentrou os muros da escola, o que até em dias atuais é um grande desafio, pois a Psicanálise oferece instrumentos que permitem o professor trabalhar com o seu aluno, contribuindo para o processo de ensino e de aprendizagem.

Freud (1976) desenvolveu a teoria psicanalítica revelando a singularidade que tinha o ato de pensar, falar e escutar. Portanto, quando pensa em mente e em desejo, significa que a fala e a escuta ocupam o espaço no modo de educar, nesse sentido, Freud (1976, v. XVI, p. 348) ainda cita que:

A psicanálise já encerra em si mesma fatores revolucionários suficientes para garantir que todo aquele que nela se educa jamais tomará em sua vida posterior o partido da reação e da repressão. Penso até mesmo que as crianças revolucionárias não são desejáveis, sob nenhum aspecto.

Aos poucos, a psicanálise possibilitou que a educação fosse vista com outro olhar e que o professor se incluísse no lugar de quem investiga e de quem questiona o saber fechado, abrindo, assim, as portas para conduzir a ação docente ; para Freud, isso é uma tarefa difícil.

Atualmente, a Psicanálise mostra que teve revolução partindo do modo de interpretar a aprendizagem e, por meio dessa teoria, advém a busca do conhecimento.

A teoria freudiana proporciona uma discussão sobre o desenvolvimento da personalidade, entretanto, ao refletir a respeito das ações educacionais, Freud demonstra, em seus textos, não ser adepto das concepções ambientalistas e concluiu que quase não se pode conseguir aprovações por pais e professores, visto que o inconsciente é um território insondável. Surpreendentemente, no final da vida, mostrou-se descrente da possibilidade de a Psicanálise contribuir para a educação de crianças e jovens, seja na escola ou fora dela (KUPFER, 1992).

O Aparelho Psíquico para Freud

O aparelho psíquico, segundo Freud, é definido por dois modelos. No entanto precisamos compreender por que Freud empregou esse nome. Ele caracterizou uma organização psíquica que está dividida em instâncias psíquicas e suas funções, bem como em relação ao lugar que ocupa na mente. (ZIMERMAN, 1999). O primeiro modelo topográfico está subdividido em consciente, pré-consciente e inconsciente, e o segundo modelo topográfico, em ego, id e superego.

No primeiro modelo topográfico, para Freud (1923), o consciente se localiza na camada externa do ego, e este permite perceber o mundo externo e interno; Zimerman (1999), compreendendo o que foi descrito por Freud (1969), afirma que o prazer direciona toda a ação psíquica e orgânica, com intenção de obter um prazer concebido, ignorando ou impedindo frustrações, por sua vez, o desprazer visa associar as lembranças de vivências apresentadas como prazer ou frustrações. O pré-consciente, de acordo com Freud (1923), é a representação verbal e pode se tornar consciente novamente, são as lembranças, por isso o pré-consciente e o inconsciente relacionam-se com a consciência, como se fossem um arquivo de registros.

Freud (1923) cita que o inconsciente está caracterizado como: latente, tem capacidade de se tornar consciente, e como reprimido, ao contrário do latente, não é capaz de se tornar consciente, em outras palavras, é regido por leis próprias, sem noção do passado e do presente.

No segundo modelo topográfico, o aparelho psíquico é dinâmico, essa estrutura significa que o conjunto de elementos tem funções separadas por serem específicas, mas que são indissociadas entre si, interagindo constantemente e se influenciando reciprocamente. A divisão é composta pelos elementos: id

(componente biológico), ego (componente psicológico) e superego (componente social).

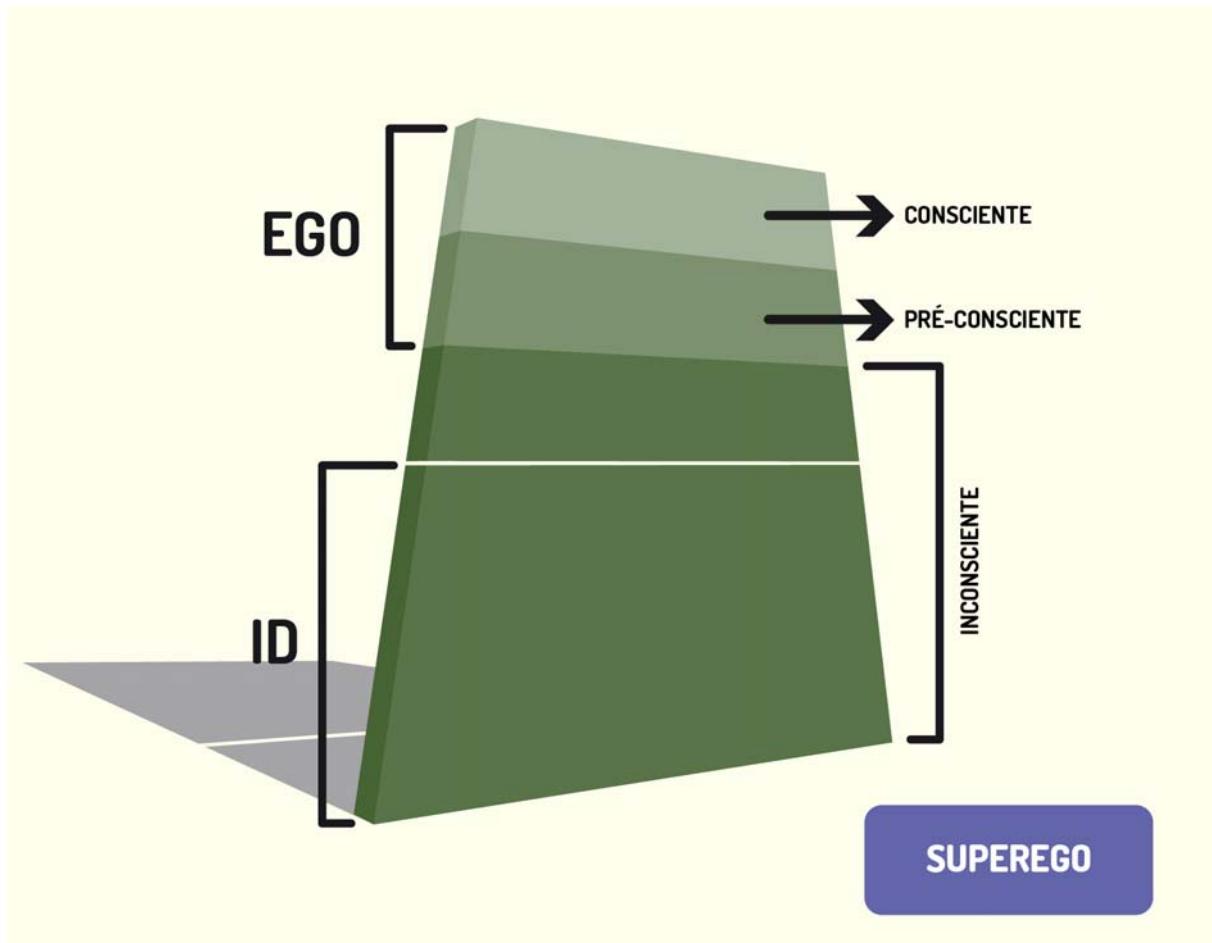


FIGURA 2.3 - Representação gráfica da nova visão do aparelho psíquico FONTE: Elaborada pelas autoras

O id é o repositório dos impulsos instintuais, com características semelhantes às do inconsciente, é a única estrutura do aparelho psíquico que o indivíduo tem ao nascer, porém é desorganizado e busca satisfação imediata dos impulsos (FREUD, 1975).

Para Freud (1975), o ego é a principal instância psíquica, porque tem raízes no inconsciente, portanto, tem como finalidade mediar, integrar e harmonizar as pulsões do id e as exigências que o superego ameaça ter. É modificado pelas influências que tem do mundo externo e busca agir de forma influenciada ao id, o que força a trocar o princípio do prazer, que impera no id, pelo princípio da realidade. No ego, a percepção tem o papel que no id é instinto, portanto, o ego representa a razão e o senso comum.

No âmbito pedagógico, o ego tem três pontos de vista:

- 1 como aparelho psíquico, com funções fundamentais na consciência, pois se relaciona com a realidade do mundo exterior, ou seja, a percepção, o pensamento, a memória, a atenção, a

- antecipação, a discriminação, o juízo crítico e a ação motora.
2. como função de conjunto mais complexa, na parte inconsciente, por exemplo, no mecanismo de defesa, nos fenômenos de identificações e de formação de símbolos.
 3. como representações que determinam a imagem que o sujeito tem de si e que estruturam o seu sentimento de identidade e de autoestima (FREUD, 1975).

O superego é classificado segundo a frase famosa de Freud: “**o superego é o herdeiro do complexo de Édipo**” (FREUD, 1975, p. 1). O que, para Zimerman (1999, p. 84), significa que é “**Constituído pelo precipitado de introjeções e identificações que a criança faz com aspectos parciais dos pais, com suas proibições, exigências, ameaças, andamentos, padrões de conduta e o tipo de relacionamento desses pais entre si.**” Em outras palavras, o superego procura a moral e punir as transgressões ou os desejos de transgredir.

As Fases do Desenvolvimento para Freud e a Aplicação da Psicanálise na Educação



OKSANA KUZMINA, 123RF.

A vida humana, para Freud (1976), é dividida em fases biologicamente determinadas e que seguem uma sequência linear definida. Essas fases universais são baseadas no desenvolvimento psicossexual humano. Os processos desencadeados em uma fase nunca estão plenamente completos e continuam agindo ao longo da vida da pessoa.

Quando não há progresso de uma fase de desenvolvimento para outra de modo normal, Freud chamou esse lapso de fixação. Todo ser humano passa por períodos de desenvolvimento, que são classificados como estágios da libido: oral, anal, fálico e genital. É fundamental que o professor entenda essas fases, visto que a fixação nas fases de desenvolvimento freudiana identifica o tipo de caráter que a pessoa tem.

Fase Oral (0 a 1 ano)

Entende-se que, desde o nascimento até meados do primeiro ano de vida, a criança vivencia o prazer e a dor por meio da satisfação (ou frustração) de pulsões orais, ou seja, pela boca. A satisfação independe da satisfação da fome, por isso a criança leva à boca (zona erógena) o que pega com as mãos. Sugar, mastigar, comer, morder e cuspir são exemplos da relação que há com o prazer que tem, além de

servirem à alimentação. Muitas vezes, a criança se frustra e é obrigada a criar mecanismos para lidar com essas frustrações, esses mecanismos são primordiais na futura personalidade da pessoa, e o principal processo na fase oral é a ligação entre mãe e filho. Considera-se patologia quando excessivamente a pessoa acaba se tornando dependente de hábitos orais para aliviar a ansiedade e as tensões.

Fase Anal (1 a 3 anos)

Nessa fase, a satisfação das pulsões se dirige ao ânus, ao controle da tensão intestinal. É nesse período da vida que a criança começa a treinar hábitos de higiene, que tem um efeito significativo na formação da personalidade, pois é o momento que terá interferência na satisfação de um impulso instintivo da fase anal, aprenderá a controlar sua defecação e, assim, a lidar com a frustração do desejo de satisfazer suas necessidades imediatamente. A fixação nessa fase ocasiona a neurose obsessivo-compulsiva, a criança poderá depender da técnica de controle dos esfíncteres e, com isso, poderá desenvolver uma personalidade agressiva e hostil na vida adulta, como: acessos de raiva e crueldade ou, ainda, desenvolver uma personalidade retentora, teimosa, mesquinha e obstinada.

Fase Fálica (4 a 5 anos)

Segundo Freud (1976), caracteriza-se pela importância da presença (ou, nas meninas, da ausência) do falo ou pênis. Nessa fase, o prazer e o desprazer estão centrados na região genital. É o momento de curiosidade e de exibicionismo, mas, por outro lado, também é de conflitos e de dificuldades, pois está ligada ao direcionamento da pulsão sexual ou libidinosa ao genitor do sexo oposto e aos problemas resultantes. É nessa fase que Freud (1976) identificou o Complexo de Édipo, este representa um importante passo na formação do superego e na socialização dos meninos, visto que começa a seguir os valores dos pais. Essa ação permite que tanto o ego quanto o id se satisfaçam parcialmente. O conflito vivenciado pelas meninas é menos intenso, a menina deseja o próprio pai, isso porque tem, em parte, inveja por não ter um pênis, sentindo-se, portanto, castrada, e culpa a própria mãe, mesmo assim, a mãe não representa uma ameaça, haja visto que a castração não é possível.

O caráter fálico gera dificuldades na formação do superego, ou seja, em cumprir as regras sociais, na identidade do papel sexual e na sexualidade, podendo também se envolver na inibição sexual, na promiscuidade e na homossexualidade. A superação do Complexo de Édipo depende do comportamento familiar e de como a criança supriu suas dificuldades nessa fase, pois, se for reprimida ou recalcada, mais tarde poderá tornar-se uma patologia.

Período de Latência (5 anos à puberdade)

Segundo Freud (1976), não é uma fase psicossexual, porque fica adormecido o instinto sexual e o interesse passa por realizar as atividades como: esportes, amizades com o mesmo sexo, firmar laços sociais, atividades escolares, diferentes tipos de lazer e hobbies; é por esse motivo que é um período mais tranquilo. As fantasias, os desejos e os impulsos sexuais são contidos, não atendidos pelo ego, isso será cobrado posteriormente.

Fase Genital (puberdade)

É a fase final do desenvolvimento psicossexual, ocorre durante a adolescência, e é nessa fase que as pulsões sexuais vêm à tona, após um período longo da latência; o corpo passa por transformações, e o que estava adormecido, o instinto sexual, torna-se vívido, retornando a energia libidinal e a busca geralmente pelo sexo oposto, por parceria. Com as mudanças que ocorrem nesse período, o adolescente elabora a perda da identidade infantil, e, gradativamente, os conflitos internos apresentados nas fases anteriores estabilizam e direcionam a pessoa para enfrentar os desafios da fase adulta (FREUD, 1976).

¶ Para refletir

A relação entre a psicanálise e a educação é antiga, sendo uma temática discutida desde a obra de Freud, a partir de 1910, o assunto teve destaque em várias obras, como as de Ferenczi (1908), Pflaster (1921) e Klein (1921). No Brasil, as pesquisas que abordam a psicanálise vêm se destacando nos dez últimos anos, e algumas introduzem o assunto no meio educacional, como os trabalhos de Maria Cristina Kupfer, por exemplo, o livro publicado em 2000, "Educação para o Futuro: Psicanálise e Educação e Educação e Psicanálise: história, atualidade e perspectiva, livro", organizado por Maria Lúcia de Oliveira, em 2003, e, ainda, o livro "O Impacto da Psicanálise na Educação", coordenado por Leny Magalhães Mrech, em 2005. No entanto, as obras que fazem parte do discurso freudiano com a educação brasileira são: "A Psicanálise no Brasil", de Elizabeth Mokrejs, em 1993, e "A História da Psicanálise de Crianças no Brasil", por Jorge Luís Ferreira Abrão, em 2001.

A criança tem peculiaridades em relação ao seu desenvolvimento, diferente da fase adulta. Vale destacar a importância de se discutir sobre como a criança se desenvolve no decorrer da sua vida, e isso repercute na sua educação. Por esse motivo, a escola é

o espaço oportuno para introduzir a psicologia, visto que investigar melhor as características dos infantis requer atributos significativos na compreensão de cada indivíduo (CUNHA, 1995).

A psicanálise adentrou na educação com intuito de contribuir para a compreensão do desenvolvimento emocional, na tentativa de solucionar as dificuldades existentes no ambiente escolar. Representou o abrir dos olhos para compreender os desafios que a escola tem em relação aos seus alunados, portanto, a psicanálise possibilita aos professores uma prática pedagógica que, significativamente, faça diferença sobre os alunos em diferentes situações.

O estudo da psicanálise possibilita também ao professor um conhecimento da sexualidade infantil, sendo, portanto, um auxílio à educação, pois a criança e o adolescente estão em formação e, na visão de Freud, a escola pode abordar a sexualidade, principalmente, no que se refere à criança a aprender a controlar seus impulsos, as frustrações e as proibições.

Freud (1976) destaca que, no período de descobertas e de experiências infantis, os primeiros anos de vida da criança, até aos cinco anos, são decisivos em relação à constituição do psiquismo. Segundo ele, a vulnerabilidade está ligada à descoberta que esses primeiros anos correlacionam ao primeiro surgimento da sexualidade, e que a criança ainda está com o ego imaturo e frágil. Freud ainda citou a dificuldade de a criança assimilar a evolução cultural que passa de geração a geração, bem como o controle das pulsões e a adaptação à sociedade.

A psicanálise e a educação permitem que haja um vínculo no relacionamento entre professor e aluno, para compreender melhor essa relação, Martins (1998) relaciona a prática pedagógica com a "Metáfora do Peixe", ou seja, quando o peixe morde a isca do anzol e nada velozmente, se puxarmos a linha com força, isso poderá desprendê-lo. No entanto, se o pescador não for paciente de trazer o peixe, soltar a linha e, novamente, trazer o peixe e soltar a linha, quantas vezes forem necessárias, corre o risco de perdê-lo. Assim é no contexto escolar, se o professor não souber despertar no aluno o interesse de também estabelecer o vínculo, a relação poderá passar por provações e contestações. Em outras palavras, se o professor não souber lidar com situações de conflitos e com os momentos em que o aluno deposita nele a confiança, poderá correr o risco de perdê-lo. Esse é um dos motivos pelos quais a psicanálise é importante no processo de ensino, pois o professor poderá dialogar, negociar, escutar seus alunos.

Pulsão na Psicanálise e sua conexão com a Educação

As análises realizadas por Freud (1976) apresentam que a sexualidade não aparece nos sonhos e nas fantasias, pois, às vezes, ela se apresenta de modo disfarçado, esse foi um dos motivos que levou o pesquisador a estudar a sexualidade infantil. A respeito da noção de pulsão descrita na psicanálise, nos estudos de Freud, em especial, em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", o teórico cita pela primeira vez, em 1910, o termo pulsão. Freud (1969, p. 129) afirma que:

Por pulsão, antes de mais nada, não podemos designar outra coisa senão a representação psíquica de uma fonte endossomática de estimulações que fluem continuamente, em contraste com a estimulação produzida por excitações esporádicas e externas. A pulsão, portanto, é um dos conceitos da demarcação entre o psíquico e o somático.

Ou seja, as pulsões mencionadas por Freud objetivam os acontecimentos experimentados anteriormente como nível de subjetividade, entretanto o processo é dinâmico e composto a partir de uma pressão que o corpo realiza intencionalmente para alcançar um objetivo, por exemplo, a excitação corporal, em que o objetivo é suprir o estado de tensão na fonte pulsional.

Para Freud (1969), a pulsão é considerada uma energia que tem a finalidade de sempre buscar a satisfação, esta é alcançada por diversas formas de minimizar a tensão, portanto, a pulsão é a representação psíquica das excitações ocorridas no interior do corpo. Freud ainda destaca que o impulso é manifestado por desejo.

Freud considera fundamental conceituar pulsão no olhar da psicanálise, visto que as pulsões compõem o aparelho psíquico, ou seja, estão presentes nas três instâncias já citadas anteriormente no tópico 2 desta unidade: id, ego e superego. Relembrando: o id é formado por impulsos inatos e por pulsões, como cita Cunha (2000), a busca por satisfação é chamada de incondicional do organismo, visto que o id não é socializado. Por tal motivo, é inato, em outras palavras, quando nasce o ser humano, as pulsões estão presentes.

Ao longo da vida do ser humano, o ego se desenvolve, Cunha (2000) cita que ele é responsável pela comunicação entre pessoas no cotidiano, no meio em que vivem e, pela obediência às regras sociais, o que chama de *Self* do indivíduo, ou seja, é a consciência que o ser humano passa a ter sobre sua própria identidade.

¶ Ampliando o conhecimento

A expressão Ponta do Iceberg citada na psicanálise se refere à instância ego, que é considerada a parte mais visível na vida do ser humano, como ilustra a imagem a seguir.

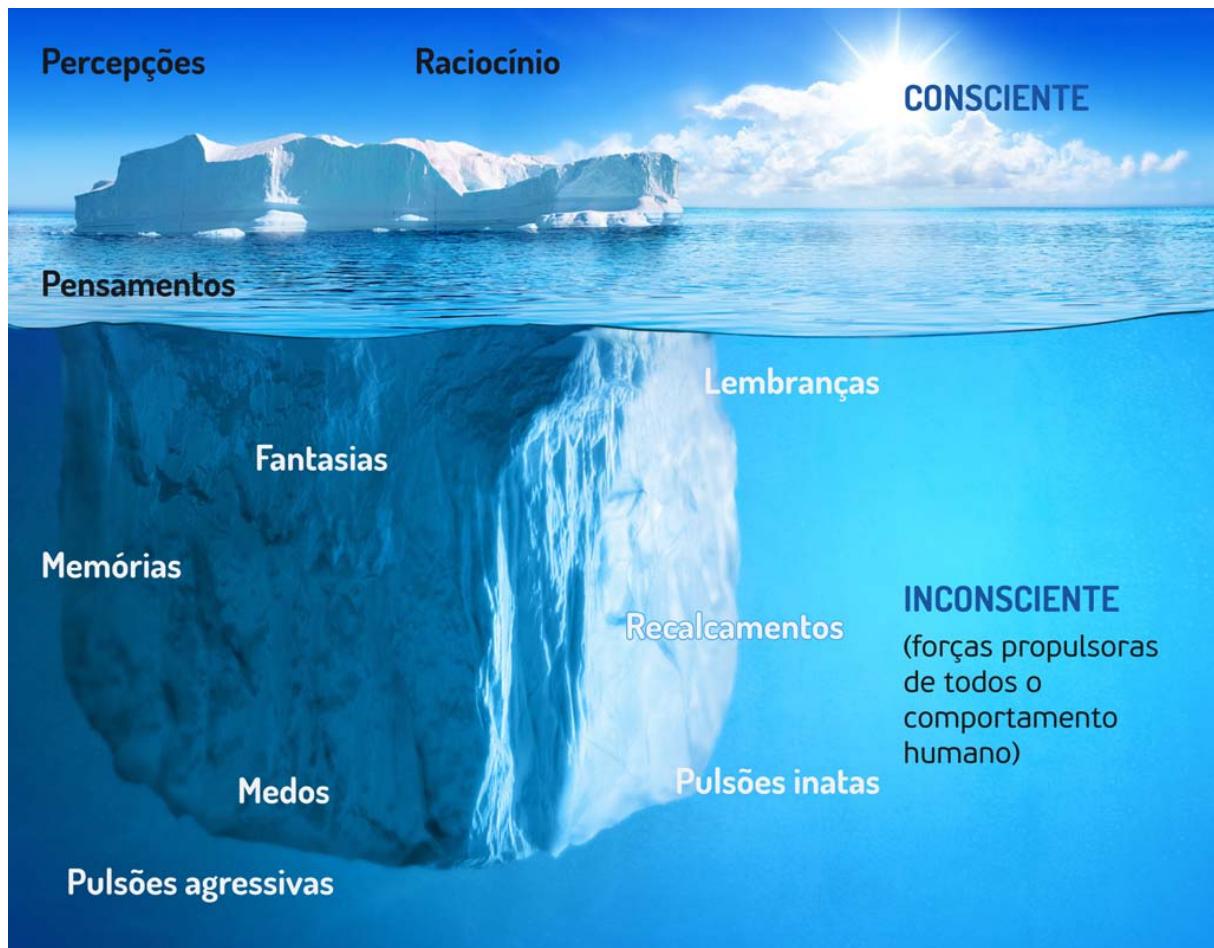


FIGURA 3.3 - A ponta do iceberg: a parte mais sensível do homem FONTE: Elaborada pelas autoras.

O superego é responsável por fazer o ser humano assimilar as regras, os valores e as normas que a família, primeiramente, ensina e, depois, a sociedade dita e impõe como deveres e direitos.

Freud (2006) afirma que, muitas vezes, as informações que são geradas pelo id não são assimiladas pelo ego, mas são pelo superego, isso acontece porque o superego age como uma proteção do ego, impedindo que as pulsões do id afetem a vida das pessoas quanto aos relacionamentos. Resumindo: o superego

procura identificar se a pessoa está cumprindo ou não as regras que a sociedade dita como corretas, essas pulsões que o id lidera não são conscientes para o ego. As pessoas seriam alheias ao id e às suas pulsões, ou seja, é no inconsciente que as informações estão, as quais o Ego não consegue conectar.

Indicação de leitura

Nome do livro: Psicologia da Educação

Autor: Marcus Vinicius da Cunha

Editora: Lamparina

ISBN: 9788598271507

Ao analisar a psicanálise, criada por Freud, o comportamentalismo, de Pavlov, Watson e Skinner, e a psicologia genética, de Piaget, esse livro permite reflexões sobre esses e muitos outros temas fundamentais para a prática pedagógica. Sem a sedução de fórmulas e esquematismos “de fácil aplicação”, o profissional da educação encontrará nesse livro um amplo e bem elaborado estudo que o auxiliará a compreender as relações da psicologia com a escola de hoje.

UNIDADE IV

Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade

Renata Simões de Brito Cardoso

O desenvolvimento humano é um processo de crescimento em que ocorrem muitas mudanças ao longo dos anos e está dividido em fases, as quais apresentam características específicas nos campos: físico, psicossocial, cognitivo, comportamental e emocional. Essas mudanças ocorrem durante toda vida, porém de modo progressivo, dependendo ainda de fatores biológicos. A unidade está dividida em três tópicos, o primeiro aborda o desenvolvimento físico e psicossocial na infância e tem o objetivo de compreender como a criança se desenvolve fisicamente, e como é importante reconhecer quais aspectos são influenciados na criança e como esta poderá aprender a decidir como solucionar as dificuldades.

No segundo tópico, sobre o desenvolvimento físico e cognitivo na adolescência, as mudanças que ocorrem nessa fase são consideradas como um período turbulento, mas se tratando do físico, um período de mudanças significativas, e do cognitivo, um período em que o adolescente começa a ser questionador, trataremos ainda sobre o desenvolvimento psicossocial na adolescência e, no último, tópico apresentaremos o desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial na vida adulta, uma fase interessante que requer entendimento do porquê o ser humano precisa passar por todas as fases da vida antes de ser um adulto.

Desenvolvimento físico e psicossocial na infância

Cada criança se desenvolve conforme seu ritmo, as fases do crescimento são as mesmas para grande parte dos seres humanos, sendo, portanto, os dois primeiros anos da vida, a primeira infância, que é o período mais rápido da vida de uma pessoa (MANNING, 2006).

Quando a criança não tem controle sobre o corpo, os movimentos são desordenados e, aos poucos, com o desenvolvimento, esse controle vai amadurecendo, isso ocorre primeiro com os membros superiores (céfalo-caudal) e depois com o centro do corpo para fora (próximo-distal).

É nessa fase que a criança apresenta o desenvolvimento físico-motor, que ocorre de modo natural a partir das atividades diárias, que se destacam como habilidades: locomotora (engatinhar, andar, correr, saltar e lançar), não locomotoras (empurrar, puxar e inclinar) e manipulativas (agarrar, arremessar, pegar e chutar).

Matta (2001) destaca que, nos dois primeiros meses de vida, a criança consegue segurar o pescoço e, depois de quatro meses, começa a sustentá-lo; atividades como rastejar e engatinhar começam a ocorrer entre quatro e seis meses e são as primeiras movimentações intencionais do bebê, no entanto, por volta do sete meses, consegue sentar-se sozinha sem auxílio e com onze meses já consegue a andar com ajudar.

Antes de a criança concluir o segundo ano de vida, ela consegue realizar atividades que antes não podia, passa a explorar o seu espaço como subir degraus, andar e correr. Papalia *et al.* (2001) lembram que a criança começa a manipular objetos por volta dos cinco meses e pode alcançar e agarrar tudo o que vê em sua frente, mas somente com dez meses é que todos os movimentos de alcançar e agarrar serão ordenados.

Algo muito importante ocorre quando a criança começa a controlar os esfíncteres, mas isso depende da maturidade do sistema nervoso e pode ocorrer por volta do décimo sexto ao décimo oitavo mês, nesse contexto, Bébe (1981) ainda ressalta que a menina antecipa esse processo de controle do esfíncter e, mais tarde, os meninos.

Para Pino (2005), o desenvolvimento sensorial e motor iniciam-se na criança quando ela interage com o meio e se constitui como um ser cultural. Fonseca (2008) também complementa que o ato de se expressar corporalmente está relacionado de modo interacional com o mundo externo. Por esse motivo é que as experiências com o mundo externo é, para a criança, fundamental, visto que ela passa a conquistar o espaço, e todos os movimentos que realiza estão ligados aos estados de bem-estar ou mal-estar da criança. Esses movimentos preparam a criança para que os vínculos sociais sejam estabelecidos, por exemplo, quando deseja expressar-se com um adulto por meio de seus movimentos, esse contato é interpretado pelo adulto como forma de comunicação.

Fonte: PINO, Angel. As marcas do humano: as origens da constituição cultural de criança na perspectiva de L. S. Vygotsky. São Paulo: Cortez, 2005.

FONSECA, Vitor da. Prelúdios Psicomotores do Pensamento: introdução à obra de Wallon. In: _____. Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2008.

No período do desenvolvimento físico, a criança tem muita energia, mesmo que o ritmo do crescimento físico seja lento, a coordenação viso-motora é desenvolvida e a visão de perto e longe está amadurecida, por outro lado, a consciência temporal deve ser desenvolvida com atividades motoras que permitam a criança saltar objetos e andar de diferentes formas, é nessa fase da vida que os dentes permanentes começam aparecer e os pequenos músculos são mais bem utilizados.

O ser humano tem consciência da existência do mundo externo logo no primeiro dia de vida e é neste mundo que aprende sobre si, percebendo que não está sozinha. É na infância que ocorrem as mudanças relacionadas ao desenvolvimento social.

Brazelton (2006) cita que a criança entre seis e oito semanas, por meio da linguagem não verbal, por exemplo, o sorriso, consegue atrair atenção de seus pais, mas o choro é a principal forma de comunicação com o mundo.

O desenvolvimento psicossocial, para Papalia (2001), envolve o desenvolvimento psicológico com a formação de relações sociais, no entanto, de forma paralela. É nessa etapa do desenvolvimento humano que a criança aprende a decidir a melhor forma de solucionar as dificuldades e automaticamente os conflitos, com isso, adquire novas capacidades e habilidades e torna-se independente.

Erik Erikson, criador da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial, propõe uma concepção de desenvolvimento em oito estágios psicossociais. No entanto, abordaremos os estágios do desenvolvimento psicossocial na infância. Seguem os quatro estágios.

Primeiro estágio: Confiança versus Desconfiança (0 aos 18 meses)

Nessa fase, a criança aprende a ter ou não confiança, a qual se constrói por meio da interação com a mãe e dos momentos agradáveis, esses momentos passam a fazer parte das recordações das relações vividas por ela (ERIKSON, 1987).

Segundo estágio: Autonomia versus Dúvida e Vergonha (18 meses aos 3 anos)

É dominado pela contradição entre a autonomia, vontade própria e o controle sobre o meio em oposição ao negativo, à dúvida e à vergonha. Trata-se da independência que a mãe começa a dar à criança para explorar o que está a sua volta. A criança comece a experimentar e se sentir autônoma em diversas tarefas do cotidiano. É nesse período que a criança precisa aprender a controlar-se, caso contrário, será insegura e passará a duvidar de que é capaz de realizar tarefas sozinha (ERIKSON, 1987).

Terceiro estágio: Iniciativa versus Culpa (3 aos 6 anos)

A criança aprende a realizar suas próprias atividades, passa a ter prazer quando são bem sucedidas, o que a torna determinada (ERIKSON, 1987).

Quarto estágio: Diligência versus Inferioridade (6 aos 12 anos)

A criança comece a controlar sua imaginação e atenta-se ao processo de educação formal. Os brinquedos são tomados pelas atividades mais significativas, no entanto, o ego está mais sensível, sendo assim, passa a ser mais exigente e não permite que ocorram erros, caso isso ocorra, poderá desenvolver o sentimento de inferioridade (ERIKSON, 1987).

O Quadro 1 resume a teoria de Erikson sobre o Desenvolvimento Psicossocial, a qual é dividida em oito idades que decorrem do nascimento até a velhice, apresenta em cada estágio uma crise psicossocial entre uma perspectiva positiva e uma negativa, verificam-se os aspectos mais relevantes da teoria.

ESTÁGIO	ÉXITO	FRACASSO	RELACÕES SIGNIFICATIVAS	COMPORTAMENTOS PSICOSSOCIAIS	VIRTUDE
1ª. idade: bebê (do nascimento aos 18 meses)	Confiança: sente-se protegido e seguro.	Desconfiança: retraído, desprotegido ou se sente abandonado, com medo e aprende a desconfiar do mundo.	Mãe ou substituta da mãe.	Dar e receber.	Esperança.
2ª. idade: criança entre 18 meses aos 3 anos	Autonomia: sente-se independente, atreve-se a fazer coisas e a desenvolver as suas capacidades.	Vergonha e Dúvida: Controlado pelos pais, não se atreve, duvida, aprende tudo mais tarde.	Pais.	Dominar, proteger, largar e deixar.	Força de vontade.
3ª. idade (pré-escolar) dos 3 aos 6 anos	Iniciativa: imaginação, vivacidade, sente orgulho das suas capacidades.	Sentimento de culpa: falta de espontaneidade, iniciativa, sente-se culpado e se considera mau.	Família.	Fazer, reproduzir, fazer de conta, brincar.	Tenacidade.
4ª. idade (idade escolar) 6 aos 12 anos	Diligência: trabalhador, empreendedor, gosta de realizar coisas, de participar em jogos, e de competir.	Sentimento de inferioridade: preguiçoso sem iniciativa, evita participar de competições considera-se inferior.	Vizinhos e escola.	Fazer coisas, competir, fazer coisas em conjunto.	Competência.
5ª. idade (adolescente) 12 aos 20 anos	Identidade: sabe quem é e o que quer da vida, sente-se seguro, independente, é capaz de aprender muito e a sexualidade é integrada.	Confusão e Insegurança: não sabe o que quer, não sabe situar-se frente ao trabalho, à sociedade e à sexualidade.	Colegas e amigos.	Ser igual a si próprio e partilhar.	Lealdade e fidelidade.
6ª. idade (jovem adulto) 20 aos 35 anos	Intimidade: capacidade de amar e de se entregar, sexualidade enriquecedora, vínculos sociais estáveis e abertos.	Isolamento: dificuldades em relacionar-se, relações inautênticas, efêmeras, problemáticas e instáveis.	Parceiros com ligações de amizade, sexo ou cooperação.	Encontrar-se ou perder-se no outro.	Amor e afiliação.
7ª. idade (adulto) 35 aos 65 anos	Generatividade: produtivo e criativo, projetado para o futuro, gosta de colaborar com as novas gerações.	Estagnação: improdutivo, preocupado consigo próprio e egocêntrico.	Repartição entre atividades profissionais e familiares.	Fazer ser e cuidar de.	Produção e cuidado.
8ª. idade (idoso) 65 em diante	Integridade: aceita a sua existência como algo de valioso e satisfeito com a vida.	Desespero: considera que a vida foi tempo perdido e que é impossível recuperar, teme a morte.	Humanidade, os da mesma condição.	Ser pelo o que se foi, e encarar o não ser.	Sabedoria

FIGURA 1.1 - Teoria sobre o Desenvolvimento Psicosocial de Erik Erikson. FONTE: adaptado de Erikson (1987).

Desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial na adolescência



FIGURA 1.3 - Os fatores sociais como a família contribuem com o desenvolvimento do adolescente e são percebidos na cultura de cada sujeito FONTE: Poznyakov, 123RF.

A adolescência é considerada uma fase de transição na vida das pessoas e por isso é conhecida como turbulenta, pois passamos por mudanças físicas, hormonais e comportamentais. É nessa etapa da vida que há preparação para a entrada na vida adulta e surgem vários questionamentos, e um deles se refere à identidade: Quem sou eu?

Além da influência dos fatores biológicos, a família, a cultura e a sociedade contribuem para a fase. Campos (2002) menciona que a sociedade cria meios para que o enfrentamento dos problemas possa ser experimentado por todos, e que todas as formas de padrões de comportamentos constituem a cultura de uma sociedade.

O crescimento que acontece na adolescência não é uniforme, visto que as características mais visíveis no desenvolvimento físico ocorrem nas transformações internas e externas, principalmente no amadurecimento sexual. Uma característica em relação às mudanças físicas no adolescente acontece no início da puberdade, nesse período, o corpo começa a se desenvolver além do tamanho, em relação à fase anterior, as proporções também adquirem a capacidade física.

As meninas têm o crescimento mais rápido em relação aos meninos, nesse período, ocorre o crescimento dos ossos mais longos, como braços e pernas. Nos meninos, os ombros passam ser largos e as pernas, relativamente longas se comparadas com o comprimento do tronco. Nas meninas, os ombros são estreitos, as ancas largas e pernas curtas, se comparadas com o tronco (CAMPOS, 2002).

Uma mudança significativa que ocorre com o adolescente é o desenvolvimento dos músculos, o tamanho do coração e dos pulmões aumenta, bem como a capacidade de realizar atividades físicas, principalmente, nos meninos.

Como vimos na unidade I, Palangana (2015) destaca que o desenvolvimento cognitivo na adolescência descrito por Piaget encontra-se no estágio operatório formal. É neste período que o adolescente é capaz de formar esquemas conceituais abstratos, como o amor e fantasia, justiça e injustiça, e realizar operações mentais de acordo com uma lógica formal, ou seja, raciocínio hipotético dedutivo. Passa a questionar os sistemas sociais, os valores relacionados à moral e procura participar de discussões consideradas polêmicas. Isso porque o adolescente torna-se mais crítico e busca uma identidade e autonomia.

Para Rappaport (1981), o adolescente se desenvolve intelectualmente e socialmente, a ponto de estabelecer vínculos considerados duradouros e significativos, permitindo o despertamento do amar o outro, principalmente o do sexo oposto. Esse período é denominado por Freud de fase genital, isso porque o adolescente adquire o pleno desenvolvimento em que as adaptações biológicas e psicológicas foram concluídas.

O período da adolescência é complexo por ser considerado de escolhas e de tomada de decisões. O período tem início entre os dez e doze anos, segundo D'Andrea (1989), e é caracterizado por conflitos emocionais e, à medida que se torna intenso, permite reorganizar a personalidade do adolescente até que ele chegue a um equilíbrio.

Aberastury (1981) define adolescência como um período de contradições que é caracterizado por atritos com a família e com a sociedade. As transformações que ocorrem com o adolescente fazem com que sua identidade infantil seja substituída por uma nova identidade, e esta se constrói aos poucos, sendo justamente por esse motivo que ele pode buscar em alguns adultos o exemplo a ser seguido. Isso possivelmente explica a razão de o adolescente sempre mudar de comportamento, de estilo de vida, de maneira de se vestir e falar.

Como cita D'Andrea (1991, p. 88), “[...] procura fazer tudo para ser diferente dos pais, seus antigos objetos de identificação. Os sentimentos e impulsos são dirigidos para indivíduos fora da família”. Esse tipo de situação provoca na família frustração, pois os pais sentem que não têm mais controle sobre o filho, e esse é um dos motivos de conflitos que ocorrem nas famílias. Por outro lado, os pais conseguem manter o controle sobre o filho por meios econômicos, no entanto, o adolescente entende que as imposições dos pais soam como algo de que precisam fugir.

Bee (1997) cita que, nessa fase, o relacionamento entre amigos geralmente é estável, e é comum o adolescente compartilhar com eles seus sentimentos, segredos e por eles demonstrar lealdade. Nessa perspectiva, para Bee (1997), as amizades servem como ponto de equilíbrio e de transição entre a vida familiar e a vida independente de adulto.

Continuando sobre a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erik Erikson, seguem os estágios relacionados ao desenvolvimento psicossocial na adolescência:

Quinto estágio: Identidade versus Confusão de Identidade (12 aos 20 anos)

O adolescente busca sua identidade, construída nas fases anteriores. É nesse estágio que surgem alguns questionamentos como: O que sou? O que quero ser? Fazendo essas indagações, o adolescente pretende fazer parte da sociedade, principalmente quando visa frequentar um grupo, e essas preocupações poderão gerar crise na identidade do sujeito (ERIKSON, 1976).

Indicação de leitura

Nome do livro: O Desenvolvimento da pessoa – da infância à adolescência

Autor: Kathleen Stassen Berger

Editora: LTC

ISBN: 9788521613251

Na obra “O Desenvolvimento da Pessoa - da Infância à Adolescência”, a autora aborda os problemas específicos da atualidade e os aspectos que atingem a formação do ser humano na infância. Assuntos polêmicos como aborto, adoção, apego no adulto, preconceito contra a idade, abuso de álcool, amniocentese, anorexia, aprendizado, concepção assistida, asma, transtorno de déficit de atenção e outras temáticas também são tratados, traçando um quadro definitivo do desenvolvimento da criança até a adolescência.

Desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial na vida adulta



FIGURA 2.3 - O desenvolvimento no adulto é contínuo, porém gradual, e ocorre ao longo dessa fase FONTE: Filimonov, 123RF.

O desenvolvimento do ser humano é contínuo e gradual, ou seja, ocorre do nascimento até a morte. Os principais aspectos do desenvolvimento do adulto estão relacionados às mudanças físicas, ao aperfeiçoamento cognitivo (por assumir maior complexidade), ao relacionamento íntimo que é assumido, ao casamento e à geração de filhos, os quais são pensados antes de haver o comprometimento, bem como à vida profissional.

Papalia (2013) aponta que o início da vida adulta ocorre quando um ser humano atinge uma idade que possibilita a realização das atividades direcionadas ao adulto, por exemplo, obter a carteira nacional de habilitação, casar, votar, comprar e consumir bebidas alcoólicas, morar sozinho, participar de concursos públicos, entre outras ações. Em muitos países industrializados, a vida adulta tem início quando finaliza a adolescência e intermedia a fase adulta, no final da segunda década de vida do indivíduo (ARNETT, 2007).

O desenvolvimento físico é geralmente um período saudável quando adulto, pois é nessa etapa da vida que o ser humano está com os sentidos mais apurados e amadurecidos, em relação ao período anterior. A saúde do adulto jovem, no entanto, pode sofrer influências comportamentais, na alimentação, no sono, nas atividades físicas, no consumo de drogas, de fumos e de bebidas alcoólicas, além dos fatores ambientais.

¶ Para refletir

As relações sociais na fase adulta de uma pessoa são vitais para que haja saúde e bem-estar, segundo Cohen (2004), existem dois aspectos que interferem no ambiente social: integração social e apoio social.

Integração social: é o envolvimento ativo em relacionamentos, atividades e papéis sociais, um exemplo é a influência das redes sociais, pode ser emocionalmente bom, se saudável, participar de diferentes grupos sociais.

Apoio Social: se refere ao apoio que o adulto pode ter em relação a sua vida social, ao estresse do dia a dia, a ajuda pode se dar por meio de recursos materiais, como: literaturas, informativos, revistas que tratam de assuntos pertinente ao que necessita, além do apoio de psicológicos da rede social.

Segue o quadro ilustrativo dos estágios do desenvolvimento psicossocial abordados por Erikson em relação às fases do desenvolvimento humano.

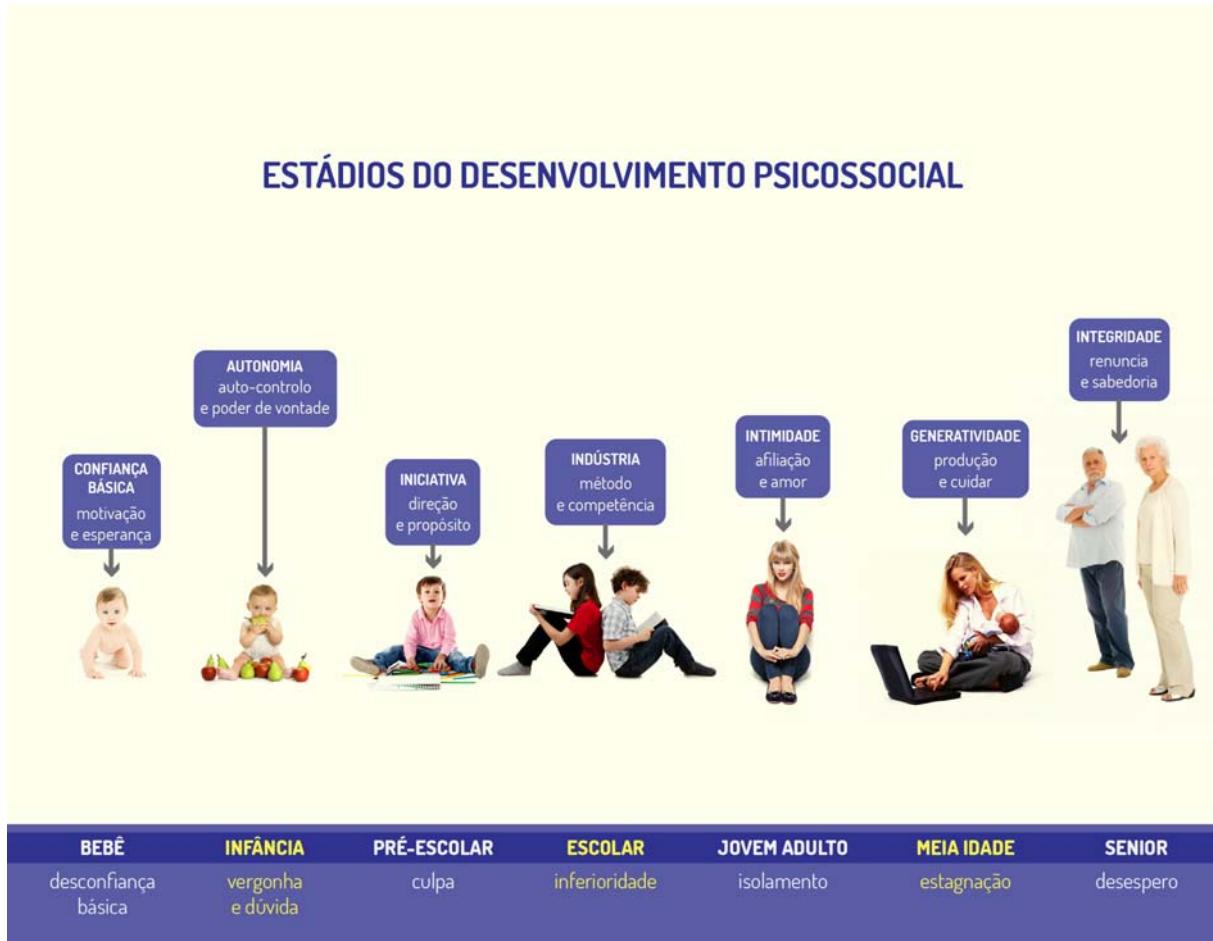


FIGURA 3.3 - As fases do desenvolvimento psicossocial para Erikson FONTE: A depressão... (Adaptada).

Durante a vida humana, todos os aspectos voltados a cada tipo do desenvolvimento, físico, cognitivo e psicossocial, estão interligados, influenciando na vida da pessoa no modo como foi criada, a cultura, os valores, educação, forma de ver o mundo (PAPALAIA; OLDS, 2006).

Em relação à Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erik Erikson, os estágios relacionados ao desenvolvimento psicossocial na fase adulta são:

Sexto estágio: Intimidade versus Isolamento (20 aos 35 anos)

É um período da vida em que a pessoa procura unir-se à outra, em outras palavras, associar seu ego a outro. Caso essa associação seja positiva, o ego do indivíduo foi construído de modo forte e autônomo, é por tal motivo que aceitou o outro, caso contrário, seu ego será inseguro, por este motivo que se isola (ERIKSON, 1987).

Sétimo estágio: Generatividade versus Estagnação (35 aos 65 anos)

Erikson (1987) cita que o indivíduo passa a se preocupar com os valores que seus pais transmitiram de geração a geração, e acredita que o conhecimento foi realmente repassado e que continuará a repassar o que aprendeu, caso não ocorra, o adulto frustra-se olhando o que não foi possível construir e poderá não dar sequência aos seus sonhos e projetos.

Último estágio: Integridade versus Desespero (65 anos em diante)

O último estágio que Erikson (1987) aborda é de **Integridade versus Desespero** (65 anos em diante), o ser humano nessa fase faz uma reflexão da sua vida, do que fez, do que deixou de fazer, que história e conhecimentos deixará para seus descendentes. Quando pensa que não há mais tempo para desenvolver seus projetos, quando acredita que a sua vida chegou ao fim, pode se desesperar, por outro lado, poderá também acreditar que cumpriu o seu dever, que conseguiu repassar o seu conhecimento que conquistou em toda sua vida..

Conclusão

Diante do exposto neste livro, podemos ter algumas conclusões sobre a aprendizagem e o desenvolvimento. Cada conceito varia de um autor para outro, que, por sua vez, é influenciado pelo seu tempo. Um exemplo é Piaget, cujos conceitos foram apresentados na primeira unidade, na qual demonstramos que, em sua concepção, o desenvolvimento precede a aprendizagem, sendo o primeiro uma relação entre o organismo e o meio em que a criança está inserida, pois o biológico determina o desenvolvimento. Já a aprendizagem seria uma cópia de palavras, ideias e conceitos, por esse motivo, preferiu utilizar em suas obras o termo conhecimento, que advém do desenvolvimento do sujeito.

Em Vygotsky, porém, vemos que o desenvolvimento e a aprendizagem são processos paralelos, um depende do outro. O desenvolvimento, além de biológico, é psicológico na teoria vygotskiana, por isso, temos os níveis e a zona de desenvolvimento, que está ligada à aprendizagem, um conhecimento adquirido sistematicamente ou não.

Vimos, também, que a teoria freudiana possibilita compreendermos o desenvolvimento e a aprendizagem com outro olhar, visto que professores, de um modo geral, precisam refletir sobre suas ações dentro da escola, pois a psicanálise contribui para a educação de crianças e jovens e possibilita uma vida na escola e fora dela.

Quando se comprehende que a vida humana, para Freud, está dividida em fases biologicamente determinadas, consegue-se também entender os estágios do desenvolvimento que o estudioso criou, bem como a noção de pulsão, que é um processo dinâmico que compõe uma pressão intencional do corpo. O desenvolvimento humano, por exemplo, passa por diversas situações de mudanças e de transformações que possibilitam que a criança, o adolescente e o adulto continuem aprendendo.

Referências

A DEPRESSÃO é uma doença real. Eu luto contra a depressão. <<http://eulutocontraadepressao.eutimia.pt/para-os-jovens/o-que-e-a-depressao/>>

BÉBE, M. O meu filho dos 12 meses aos três anos. Porto: Porto Editora, 1981.

BEE, H. O ciclo vital. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BRAZELTON, T. B. O grande livro da criança: o desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos. 9. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

BROTHERHOOD, R. M.; GALLO, A. E. Fundamentos históricos e filosóficos da Educação. Maringá: Centro Universitário de Maringá, 2009.

CAMPOS, D. M. de S. Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia. Petrópolis: Vozes, 2002.

COHEN, S. Social relationships and health. *American Psychologist*, 59 (8), 676-684, 2004.

CUNHA, M. V. Psicologia da Educação. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2008.

D'ANDREA, F. F. Desenvolvimento da personalidade: enfoque psicodinâmico. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1991.

DOLGACHOV. Educa. 123RF. <https://br.123rf.com/search.php?word=aprendizagem&srch_lang=br&imgtype=&Submit=+&t_word=&t_lang=br&orderby=0&sti=mpzg9ifmgendprl631l&mediapopup=34765227>

ERIKSON, E. H. Infância e Sociedade. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.

FILIMONOV, I. Estudantes do sexo masculino de professores e adultos durante a pausa na sala de aula. 123RF. <https://br.123rf.com/search.php?word=aprendizagem&srch_lang=br&imgtype=&Submit=+&t_word=&t_lang=br&orderby=0&sti=mpzg9ifmgendprl631l&mediapopup=42502931>

FONSECA, V. Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FONTANA, R.; CRUZ, M. N. Psicologia e trabalho pedagógico. São Paulo: Atual, 1997.

FREUD, S. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

----- O ego e o id. Coleção das obras de Freud, livro 14. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

----- Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (v. XVI e XVIII). CD-ROM.

IVIC, I. **Lev Semionovich Vygotsky** <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4685.pdf>> . Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4685.pdf>>

KUPFER, M. C. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1992.

----- **Educação para o futuro: psicanálise e educação**. São Paulo: Escuta, 2000.

----- **Freud e a educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 2001.

KUZMINA, O. **Criança**. 123RF. <https://br.123rf.com/search.php?word=aprendizagem&srch_lang=br&imgtype=&Submit=+&t_word=&t_lang=br&orderby=0&sti=mpzg9ifmgendprl631l&mediapopup=26747970>

KUZMINA, O. **Dois rapazes pequenos bonitos que jogam o jogo do papel na creche**. 123RF. <https://br.123rf.com/search.php?word=aprendizagem&srch_lang=br&imgtype=&Submit=+&t_word=&t_lang=br&orderby=0&sti=mpzg9ifmgendprl631l&mediapopup=34694866>

LIMA, J. F. **Pulsão e libido: um estudo comparativo de teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

LURIA, A. R. **Fundamentos de neuropsicologia**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos/ São Paulo: E. da Universidade de São Paulo, 1981.

----- **A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais**. In: ----- **Curso de Psicologia Geral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A, 1991. p.71-84.

MANNING, S. A. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. 14. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

MATTA, I. **Psicologia do desenvolvimento e aprendizagem**. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.

MCEWEN, M.; WILLS, E. M. **Bases Teóricas de Enfermagem**. 4. ed. São Paulo: Artmed, 2016.

MUNARI, A. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4676.pdf>> Jean Piaget <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4676.pdf>> . Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4676.pdf>>

NODARI, L. C. L. **Psicologia e educação**. Coleção Educação a Distância. Série Livro-texto. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2009.

OKSANA KUZMINA. **Dois bebês meninas jogando juntos com os brinquedos de blocos de cores**. 123RF. <https://br.123rf.com/search.php?word=aprendizagem&srch_lang=br&imgtype=&Submit=+&t_word=&t_lang=br&orderby=0&sti=mpzg9ifmgendprl631l&mediapopup=17797828>

PALANGANA, I. C. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: A relevância do social**. São Paulo: SUMUS, 2015.

PAPALIA, D. E. Desenvolvimento Físico e Cognitivo no Início da Vida Adulta. In: -----.
Desenvolvimento Humano. 12. ed. POA: AMGH, 2013. p. 470 507.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **O mundo da criança**. 8. ed. Lisboa: McGraw-Hill, 2001.

PIAGET, J. **O raciocínio na criança**. Rio de Janeiro: Record, 1967.

----- **Epistemologia Genética**. Petrópolis: Vozes, 1970.

----- **Aprendizagem e Conhecimento**. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

----- **O Nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

----- **Biologia e conhecimento**. 2^a edição, Petrópolis: Vozes, 1996.

----- **Construção do real na criança**. São Paulo: Ática, 1997.

----- **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

----- **Seis estudos de Psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999a.

----- **O pensamento e a linguagem na criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

PINO, A. **As marcas do humano: as origens da constituição cultural de criança na perspectiva de L. S. Vygotsky**. São Paulo: Cortez, 2005.

POZNYAKOV, G. **Pintura da criança na escola de arte**. Educação. 123RF. <https://br.123rf.com/search.php?word=aprendizagem&srch_lang=br&imgtype=&Submit=%20&t_word=&t_lang=br&orderby=0&sti=mpzg9ifmgendprl631l&mediapopup=21575643>

_____. **Group student in classroom near blackboard**. 123RF. <https://br.123rf.com/search.php?word=aprendizagem&srch_lang=br&imgtype=&Submit=%20&t_word=&t_lang=br&orderby=0&sti=mpzg9ifmgendprl631l&mediapopup=10226235>

RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. R.; DAVIS, C. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: EPU, 1981.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SEBER, M. G. **Piaget: o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio**. São Paulo: Scipione, 1997.

SIGMUND Freud, founder of psychoanalysis, holding a cigar. Photographed by his son-in-law, Max Halberstadt, c. 1921. 1 jan. 1921. Wikipedia. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sigmund_Freud#/media/File:Sigmund_Freud_LIFE.jpg>

SILVA, P. S. M.; VIANA, M. N.; CARNEIRO, S. N. V. **O desenvolvimento da adolescência na teoria de Piaget**. Psicologia.pt, 2011. <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0250.pdf>>

SOARES, M. V. Aquisição da linguagem segundo a Psicologia Interacionista: Três abordagens. Governador Valadares: UFJF, 2009.

TAILE, Y. L. Jean Piaget - Coleção Grandes Educadores. Vídeo. Publicado em 19 mar. 2015. <<https://www.youtube.com/watch?v=PBVNYRQP7Sk>>

TULESKI, S. C. Vygotsky: A construção de uma psicologia marxista. Maringá: EDUEM, 2002.

VYGOTSKY, L. S. 1987. Pensamento e linguagem. Editora Ridendo Castigat Mores. <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/vigo.pdf>>

----- Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na Idade Escolar. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. A formação social da mente. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda., 1991.

----- Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 2001.

WADSWORTH, B. Inteligência e Afetividade da Criança. 4. ed. São Paulo: Ensino Matheus Guazzelli, 1996.

ZIMERMAN, D. E. Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999. 478 p.

Atividades

📝 Atividades - Unidade I

Pudemos compreender, no decorrer deste tópico, que Piaget estudou o progresso de categorias do conhecimento no decorrer da vida de uma pessoa, desde os primeiros anos de vida até a idade adulta [CUNHA, 2008]. De acordo com essa informação, assinale a alternativa correta:

- A) As pesquisas de Piaget objetivavam compreender as categorias cognitivas desde os seus estados iniciais até as suas manifestações mais elaboradas.
- B) As observações de crianças feitas por Piaget ajudaram a elaborar suas hipóteses, mas, com os testes realizados com seus filhos, o pesquisador notou que não era possível constatar as manifestações de categorias.
- C) Piaget, em seus estudos, conseguiu constatar como ocorre a passagem de um conhecimento para outro e descobriu que somos capazes de aprender sem estarmos biologicamente preparados.
- D) Na concepção piagetiana, nós podemos passar de um conhecimento para outro mais complexo mesmo sem termos o conhecimento anterior.
- E) Todas as alternativas estão corretas.

Na teoria piagetiana, o entendimento sobre desenvolvimento está diretamente ligado a uma concepção que explica a relação do sujeito com o que proporciona seu desenvolvimento e, assim, a mudança de um estágio para outro. Assinale a alternativa correta, que explica sobre essa concepção utilizada na teoria de Piaget:

- A) Concepção Interacional: comprehende que a interação entre o sujeito e o objeto promove o desenvolvimento cognitivo.

- B) Concepção Behaviorista: comprehende que a interação entre sujeito e objeto promove o desenvolvimento e a aprendizagem.
- C) Concepção de assimilação: comprehende o desenvolvimento como uma relação entre o sujeito e outros sujeitos.
- D) Concepção de acomodação: comprehende o desenvolvimento como uma relação entre o sujeito e ele mesmo.
- E) Todas as alternativas estão erradas.

Juninho é um menino muito esperto que passou por uma prova operatória. Em uma mesa, a moça que o atendia espalhou 10 fichas de papéis, sendo seis fichas na cor azul e quatro fichas na cor vermelha. Em seguida, perguntou para Junior: "O que tem mais: fichas azuis ou fichas?". Após contá-las, Juninho respondeu que há mais fichas azuis. De acordo com o exposto e o aprendido neste tópico, assinale a alternativa correta, que explica em qual período Juninho se encontra.

- A) Período Sensório-Motor (2-6 anos), pois ele ainda não possui noção de classe, sendo assim, não é capaz de separar o todo (fichas) das partes (azul e vermelho).
- B) Período Pré-Operatório (2-6 anos), pois ele ainda não possui noção de classe, sendo assim, não é capaz de separar o todo (fichas) das partes (azul e vermelho).
- C) Período Operatório (7-12 anos), pois ele precisa das relações concretas para conseguir lidar com as quantidades.
- D) Período Operatório Formal (período da adolescência), pois nesse estágio não há discriminação de cor.
- E) Todas as alternativas estão incorretas.

A representação pode ocorrer por diversos meios: desenho, linguagem, brincadeiras, entre outras. Considerando a teoria piagetiana vista neste tópico, assinale a alternativa correta sobre essas três formas de linguagem:

- A) Chamamos de garatujas os desenhos realizados por crianças do período Pré-Operatório, que já conseguem dar forma aos desenhos.

- B) Aos três anos, a criança começa a descobrir que pode estabelecer relação entre o que desenha, o que pensa e a realidade.
- C) Após a representação da criança por meio da fala, ocorre a transição entre o período Sensório-Motor e o Pré-Operatório, em que a linguagem faz que os gestos sejam representados no desenho da criança.
- D) A linguagem permite que a criança torne acessível fatos passados ou objetos ausentes, isso caracteriza o surgimento do desenho.
- E) Somente a partir do surgimento da linguagem é que as demais representações começam a ser desenvolvidas.

Atividades - Unidade II

Analise as afirmativas a seguir e assinale a alternativa correta.

Vygotsky é de origem suíça e tem formação em Psicologia da Educação.

II. As obras de Vygotsky são vastamente conhecidas e tornaram-se mundialmente populares no início dos anos 1920.

III. Para desenvolver suas pesquisas, Vygotsky trilhou o caminho da Psicologia.

IV. A teoria de Vygotsky é pautada no Materialismo Histórico-Dialético.

- A) As alternativas I, II e III estão corretas.
- B) As alternativas II e IV estão corretas.
- C) As alternativas II, III e IV estão corretas.
- D) As alternativas III e IV estão corretas.
- E) Todas as alternativas estão corretas.

O objetivo central das obras de Vygotsky era o estudo dos processos de transformação do desenvolvimento humano na dimensão histórico-social, focalizando os mecanismos psicológicos mais sofisticados da espécie humana, as funções mentais superiores, que, para ele, eram: percepção, atenção, memória, pensamento, linguagem e comportamento. Considerando o exposto, assinale a alternativa correta acerca dessas funções.

- A) Percepção - é uma função com a qual nascemos que não possui limitações, ou seja, ao longo da vida, vamos aprimorando.
- B) Atenção - se torna involuntária por volta dos setes anos e depende cada vez mais do pensamento da própria criança.
- C) Pensamento - os progressos nessa função e na linguagem se cruzam constantemente, havendo uma estreita correspondência entre ambos por volta dos dois anos, o que nos

difere dos outros animais.

- D) Comportamento - é modificado à medida que as demais funções vão se desenvolvendo, tendo seu fim de amadurecimento com o surgimento da linguagem.
- E) Linguagem - a fala afeta várias funções psicológicas, porém a percepção e a atenção são as menos influenciadas.

Para Vygotsky (1991), o jogo influencia no desenvolvimento da linguagem e é considerado de total importância no desenvolvimento cognitivo. Considerando o exposto neste tópico, assinale a alternativa correta a respeito de como se estabelece essa relação.

- A) A brincadeira proporciona que a criança interaja com outras pessoas e aprenda a conviver, de modo que controle seus impulsos.
- B) Somente com a brincadeira a criança desenvolve a função da linguagem.
- C) A maior relevância da brincadeira no desenvolvimento cognitivo é a relação que ela proporciona à criança entre a percepção visual e o significado dos objetos.
- D) O jogo permite que a criança estabeleça novos vínculos e desenvolva a linguagem oral, mas as demais linguagens não têm relação com a brincadeira.
- E) Todas as alternativas estão incorretas.

As linguagens corporal/gestual, artística, oral e escrita estão relacionadas, sobretudo, no processo de alfabetização da criança, visto que esta passa por determinados estágios de desenvolvimento que vão auxiliando em sua maturação e proporcionando o desenvolvimento de novas aquisições de linguagens. Considerando o exposto, imagine uma criança cujo desenvolvimento seguiu um curso normal. Assim, analise as afirmativas a seguir e assinale a que expressa a real passagem de uma representação para outra maior, corretamente, considerando as linguagens estudadas.

- A) Marcos é um menino muito esperto. Aos dois anos, já conseguia desenhar sua mãe quando ela pedia. Desenhava os cabelos, as roupas e outros detalhes. Aos sete anos já era capaz de desenhar seus gestos pela folha inteira, em movimentos contínuos.

- B) Júlia sempre foi muito falante, desde os seis meses já balbuciava e gesticulava no berço. Aos três anos, aprendeu a fazer desenhos cheios de detalhes, com cores e formas bem realistas.
- C) Lívia começou a falar com oito meses, antes mesmo de aprender a gesticular. Quando pedíamos para ela falar "quero colo", ela falava muito bem, mas ela nunca esticou os braços em minha direção para que eu a pegasse.
- D) Sofia aprendeu a desenhar antes mesmo de falar. Desde os três anos já desenhava com formas perfeitas e detalhes incríveis, mas somente aos cinco anos é que aprendeu a falar.
- E) Gabriel gesticulava muito, desde bebê. Com pouco mais de um ano, já balbuciava com frequência. Aos dois anos, rabiscava folhas inteiras, mas apenas aos quatro anos é que começamos a identificar certos traços sem que precisássemos perguntar o que significavam.

Atividades - Unidade III

Cada indivíduo é diferente biológica e socialmente, entretanto vive situações parecidas ou semelhantes. Acerca do estudo de Freud, é possível que a escola exerça a sua função social; diante de tal situação, leia as assertivas e assinale a alternativa correta.

I. A escola poderá ser um campo de representações humanas, sendo assim, o professor é o sujeito que sempre se sobressai na relação com os alunos.

II. A psicanálise pode sim contribuir nas ações dentro da escola, visto que oferece ao professor ferramentas para que os questionamentos realizados pelos alunos possam ser discutidos de modo inconsciente.

III. A teoria freudiana proporciona momento de discussão e poderá permitir que professores repensem a forma de lidar com diferentes situações no cotidiano escolar, quando deixa seu aluno falar e se expressar em situações diversas.

IV. A teoria psicanalítica aborda aspectos importantes sobre o papel da escola na vida da criança, pois somente quando adulta poderá ocupar o seu espaço na sociedade.

- A) Apenas a afirmativa I é correta.
- B) As afirmativas corretas são III e IV.
- C) Apenas a afirmativa III é correta.
- D) As afirmativas corretas são I e IV.
- E) As afirmativas corretas são III e IV.

A estrutura do aparelho psíquico está contextualizada em dois modelos topográficos, assim, pode-se compreendê-los como instâncias psíquica de acordo com as suas funções. A respeito do aparelho psíquico, Freud os subdivide em (leia as afirmações e assinale a alternativa correta):

- I. o primeiro modelo topográfico se divide em: ego, superego e id.
- II. o modelo da segunda divisão é: ego, superego e id. Mas o ego está vinculado ao inconsciente, portanto, faz parte do segundo modelo de Freud.
- III. a importância do aparelho psíquico à educação é fundamental, visto que o elemento superego é a mola que impulsiona a realidade da criança, então, pensa e faz juízo sobre o mundo.
- IV. a primeira divisão que Freud elaborou sobre o aparelho psíquico é: consciente, pré-consciente e inconsciente.

- A) Apenas a afirmativa I é correta.
- B) As afirmativas corretas são II e IV.
- C) Apenas a afirmativa IV é correta.
- D) As afirmativas corretas são I e IV.
- E) As afirmativas corretas são III e IV.

Freud contribuiu para a área da educação com a descoberta da sexualidade infantil. Os estudos sobre pensamentos e desejos reprimidos estão relacionados aos conflitos de ordem sexual, nos primeiros anos de vida. A respeito das contribuições desse teórico, leia as afirmações e assinale a alternativa correta.

- I. Para Freud, na primeira fase, chamada de fase oral do desenvolvimento, a zona de erotização da criança são os dedos das mãos.
- II. As fases de desenvolvimento descritas por Freud compreendem: oral, anal, fálica, de latência e genital.
- III. A Psicanálise pode ser considerada como uma linha pedagógica a ser aplicada pelos docentes.
- IV. Id, ego e superego são sistemas da personalidade e compreendem a primeira teoria do aparelho psíquico descrito por Freud.

- A) Apenas a afirmativa I é correta.
- B) Apenas a afirmativa II é correta.

- C) Apenas a afirmativa III é correta.
- D) Apenas a afirmativa IV é correta.
- E) As afirmativas corretas são III e IV.

A primeira vez que Freud (1969, p. 129) utilizou a palavra pulsão foi em 1910, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, portanto, em linhas gerais, pulsão, para Freud, é a “demarcação entre o psíquico e o somático”. Sobre o conceito psicanalítico de pulsão, leia as afirmações e assinale a alternativa correta.

A dinâmica ocorrida nas pulsões é composta por pressões do corpo, por exemplo, a excitação corporal.

II. Apenas com estudos futuros, depois de Freud, a pulsão foi considerada uma energia.

III. A pulsão é o mesmo que a representação psíquica, portanto, acontece primeiro ao redor da pessoa, depois, o impulso é manifestado por sonhos.

IV. A excitação corporal é uma atitude que o corpo humano desenvolve, ela tem a finalidade de buscar apenas a satisfação nas coisas no cotidiano.

- A) Apenas a afirmativa I é correta.
- B) As afirmativas corretas são III e IV.
- C) Apenas a afirmativa III é correta.
- D) As afirmativas corretas são I e IV.
- E) As afirmativas corretas são III e IV.

Atividades - Unidade IV

Como vimos na unidade quatro, cada criança tem o seu ritmo, portanto se desenvolve de acordo com o seu crescimento, pouco a pouco sua estrutura corporal amadurece. Leia as afirmações a seguir sobre o desenvolvimento físico e assinale as alternativas corretas:

- A) O desenvolvimento físico ocorre de forma natural, no entanto, a criança precisa ser estimulada.
- B) A criança desenvolve primeiramente os membros superiores e somente depois começa a ser despertada para o desenvolvimento físico-motor.
- C) A criança logo nos dois primeiros meses de vida consegue realizar diversas atividades físicas, por exemplo, engatinhar, isso porque o seu desenvolvimento físico está avançado.
- D) A criança, antes do segundo ano de vida, realiza as atividades que antes não conseguia, como subir degraus.
- E) O desenvolvimento físico na infância ocorre de forma natural e por esse motivo não há necessidade de a criança ser estimulada constantemente.

A adolescência é um período em que ocorrem diversas mudanças, principalmente no físico. É considerada uma fase turbulenta, pois o adolescente se prepara para a fase adulta, com isso surgem vários questionamentos sobre sua identidade. Leia as afirmações e assinale as alternativas corretas:

- A) Com a influência apenas da família e da sociedade, o adolescente cria argumentos que posteriormente utiliza para sua sobrevivência social
- B) Os questionamentos na fase do desenvolvimento do adolescente são normais, visto que está se descobrindo como um indivíduo que participa e que se comporta conforme o que aprendeu no seio familiar.
- C) Apenas os padrões de comportamentos ditados pela sociedade contribuirão na vida do futuro adulto.
- D) O adolescente cresce de forma desordenada, as transformações internas e externas são perceptíveis quando fisicamente ele está se desenvolvendo.

- E) O adolescente cria expectativas referente ao futuro em relação ao seu corpo, por isso que esta fase é turbulenta e requer constante aprendizado.

Quando o ser humano está na fase adulta, já passou por várias mudanças físicas, porém, antes de chegar nesse período da vida, o ser humano ainda poderá se desenvolver. Sobre o desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial na vida adulta, leia as afirmações e assinale a alternativa correta:

- A) O adulto poderá realizar diferentes atividades, como casar, votar, morar sozinho, entre outras atividades, essa etapa da vida indica que não está mais na adolescência.
- B) O adulto poderá ter um período saudável, mas isso não depende apenas dele, ou seja, depende do local onde convive, assim, poderá se desenvolver plenamente.
- C) O desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial é independente, portanto, o adulto não é influenciado.
- D) As relações sociais na fase adulta são importantes para a saúde e bem-estar, sendo assim, o adulto não vai ter problemas com as mesmas, pois já está numa fase que enfrentou muitas mudanças.
- E) O adulto durante essa fase passa a ter frustrações, pois acredita-se que ele aprende apenas o que deseja conhecer.